

Vol. 1, n. 2 - jul/dez 2019

# Cadernos de Estágio

Ciências na cidade



## **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

Reitor: Prof. Dr. José Daniel Diniz Melo

Vice-reitor: Prof. Dr. Henio Ferreira de  
Miranda

### **Centro de Educação**

Diretor: Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves

Vice-Diretora: Profa. Dra. Cynara Teixeira  
Ribeiro

### **Editor**

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo

### **Comitê Editorial**

Profa. Dra. Cynara Teixeira Ribeiro

Profa. Dra. Daniela Amaral Silva Freitas

Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa

Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez

### **Organização**

Profa. Dra. Aline de Moura Mattos

Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo

Prof. Dr. Wilson Elmer Nascimento

### **Design e Diagramação**

Ana Beatriz Cordeiro do Nascimento  
Santana

### **Revisão Textual**

Ester Paixão de França

### **Foto Capa e Contracapa**

Artemisa de Andrade e Santos

# Sumário

<b>Editorial</b>	5
Thiago Emmanuel Araújo Severo	
<b>01. Museu é ontem, hoje e movimento</b>	7
Anna Karina Silva Figueiredo, Jaime Lucas Queiroz de Souza, Marcela Karoline Macedo Alves do Nascimento, Salu Coêlho da Silva e Sarah Costa Damasceno	
<b>02. Todo artista tem que ir onde o povo está</b>	11
Severino Guilherme do Nascimento	
<b>03. Várias tardes no museu</b>	14
Lucas Alexandre, Nicholy da Costa, Rafael Pablo, Veridiano Dantas e Vinicius Thawaan	
<b>04. Experiências e desafios de um projeto</b>	18
Janeclide E. de Lima, Mariana Lisboa Nobre da Silva e Mircela Dayana de Araújo	
<b>05. A capacidade que a escola pública tem de surpreender</b>	23
Alisson Bezerra de Souza	
<b>06. O primeiro contato</b>	26
João Paulo dos Santos Bezerra	
<b>07. O grande desafio</b>	29
Cristal Soares Combes	
<b>08. Interações na Escola</b>	33
Anne Carvalho	
<b>09. Paredes que falam</b>	35
Iris Larissa	
<b>10. O universo na palma da mão p. I</b>	37
Caio Souza	

# Sumário

<b>11. Um jogo, um milhão de possibilidade</b>	39
Gabriela Neres de Oliveira e Silva, João Pedro Pereira Alves, Layla Sales Nogueira, Lucas Targino de Freitas Santos, e Rafaela Alves de Lima	
<b>12. Mergulho no ambiente escolar</b>	42
Jefferson Machado	
<b>13. Sabemos ser interdisciplinares?</b>	45
Rita de Cassia Datas da Silva	
<b>14. Ponto de partida</b>	48
Lariça Alves de Souza	
<b>15. Descompreensão e Conviver</b>	51
Sandrielen Dias	
<b>16. O universo na palma da mão p.2</b>	53
Igor Bezerra Pereira Pinto	
<b>17. Expectativas para o Estágio I</b>	56
Jullia Fonseca	
<b>18. O Foca e seus mundos - Diversidade</b>	58
Leticia Gurgel	
<b>19. Escola pública no Brasil, o que nos vem à mente?</b>	60
Luiz Roberto	
<b>20. Quintal da universidade?</b>	62
Mizziara de Paiva	

An abstract painting with a textured surface. The background is a mix of deep blue and green. There are several prominent diagonal strokes: a bright yellow one and a vibrant red one. The surface is covered with small splatters and spots of orange, red, and yellow. The overall effect is dynamic and colorful.

# Editorial

*Por Thiago Emmanuel Araújo Severo*

**Q**uais são os espaços para debater ciências durante a formação de professores/as? Esses espaços podem promover a aproximação entre professores/as em formação e docentes em atuação, em contextos escolares e não-escolares? As ciências podem ser trabalhadas de maneira mais contextual, pensando no lugar e no espaço onde vivemos? Esse conjunto de questões, assim como várias outras que delas derivam, foram centelhas para o desenvolvimento de uma ação integrada de ensino, pesquisa e extensão durante o ano de 2019 por docentes que compõem as áreas das Ciências da Natureza (Química, Física e Ciências Biológicas) no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) do Centro de Educação (CE) da UFRN. Essa ação ganhou o nome de projeto Ciências na Cidade e se caracterizou por ser uma iniciativa coletiva, articulada com os Estágios Supervisionados de Formação de Professores I e II dessas áreas, seus diversos sujeitos, tempos e espaços.

O projeto, que tem natureza interdisciplinar, objetiva facilitar diálogos mais próximos entre a formação de professores/as e a popularização das ciências. Via necessária para a construção de compreensões mais alargadas sobre as ciências e seus processos, privilegian-

do a formação de sujeitos autônomos, que assumam atitudes críticas, rigorosas e plurais em direção à sua liberdade.

As produções que compõem esta edição da revista Cadernos de Estágio são resultado do projeto Ciências na Cidade, mais especificamente do ciclo ocorrido no segundo semestre de 2019. Os textos aqui apresentados marcam a diversidade de questões, contextos, possibilidades e obstáculos no ato de tornar as ciências uma linguagem acessível para todos e todas. Aqui, os autores e autoras narram experiências e afetos de diversas ordens, como os da aproximação inaugural com os espaços educacionais; os de estar e entender o ambiente escolar; os do desenvolvimento de propostas de ensino norteadas pela popularização científica; e os de ser e tornar-se professores/as de ciências.

Pensando em currículos voltados apenas para os conteúdos, o desafio de contextualizar as ciências torna-se substancial. No entanto, experiências como estas podem servir para problematizar a relação entre sujeitos e conhecimentos desde a formação de professores/as de ciências nas licenciaturas até sua atuação profissional.

**Bons diálogos!**

---



# Museu é ontem, hoje e movimento

***Anna Karina Silva Figueiredo***

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

***Jaime Lucas Queiroz de Souza***

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN.

***Marcela Karoline Macedo Alves do Nascimento***

Técnica em controle ambiental e futura bióloga, inquieta e entusiasta do trabalho voluntário.

***Salu Coêlho da Silva***

Graduando de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRN), técnico em informática (IFRN) e entusiasta por coleções biológicas que sonha em um ensino de ciências mais democrático e de qualidade.

***Sarah Costa Damasceno***

21 anos, estudante do sexto período de Ciências Biológicas, técnica em controle ambiental, nutrindo uma paixão pela educação e estudo do comportamento animal.

Orientador de Estágio:

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)

# 01

**M**otivos diversos nos levaram ao nosso local de estágio. Uns tentaram fugir de uma experiência traumática no ambiente escolar durante o Estágio I, outros queriam ir à escola, mas foram convencidos da nova possibilidade, outros entraram nos minutos finais do segundo tempo e todos foram inspirados por um de nossos amigos, aspirante a paleontólogo. Assim, nós e praticamente toda a turma ingressante em licenciatura MT 2017.1, abraçamos a ideia de desenvolver nosso projeto de ensino para o componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores II no Museu Câmara Cascudo (MCC). Nos dividimos em dois grupos e ficamos nós, cascudinhos.

Empolgados e esperançosos, iniciamos essa trajetória. E que trajetória! Mal sabíamos os desafios e alegrias que o MCC tinha reservado para nós! A começar pelo sentimento de estarmos nadando em um gigantesco mar de possibilidades e potencialidades, apresentadas com a fala sempre gentil de nossa supervisora de campo, tão naturalmente, enquanto nós nos entreolhávamos com desespero, como quem está encantado e perdido ao mesmo tempo. Seguindo tal qual cego em tiroteio, como versa o dito popular, após as provocações despejadas em nossas mentes, começamos a difícil empreitada de realizar uma triagem entre nossas gananciosas ideias e torná-las concretas, tentando definir público alvo, temática, objetivos e formato.

Algumas coisas que nos foram faladas logo que iniciamos o estágio puderam ser percebidas por nós no decorrer das dez semanas: o museu, na verdade, museus, são feitos de processos sempre mutáveis, recebem e se



(Foto: Reprodução/Google)

preparam para públicos distintos, sendo muito mais vivos e dinâmicos do que poderíamos pensar. Não basta ir ao museu uma vez e achar que conheceu tudo, sempre há algo mais a experimentar, em diferentes contextos, trazendo diferentes visões, vindo em anos distintos, em momentos diferentes da vida e para os muitos eventos e coisas novas que ao menos no MCC estão sempre emergindo. Já mudou bastante e aconteceu muita coisa desde que iniciamos nossa trajetória e depois que finalizamos o tempo obrigatório também.

As tardes de terça foram passando e nelas, além de conhecer e observar as exposições do museu, tendo a oportunidade de acompanhar algumas escolas que convenientemente o visitavam, pudemos adentrar nos laboratórios e salas secretas repletas de fósseis, histórias do passado da terra e estórias da nossa cidade, risadas, café (ou água, a critério da saúde do estagiário) e o dia a dia dos jovens cientistas que ali se encontram trabalhando com muita vontade e resistência. Pudemos ver de dentro o que alguns de nós havíamos visto só no olhar de quem visita o que já está construído e, no processo, também

construímos algo: nossa oficina projeto. Depois das conversas já mencionadas e de muito andar por todas as exposições, começamos a fechar a ideia, discutimos, “matutamos” e nos envolvemos. Trabalhos e reflexões por diversas vezes extrapolaram as fronteiras do museu e a carga horária obrigatória, como nas caminhadas até a parada ou praça de alimentação.

No fim, queríamos explorar os espaços e as possibilidades de dinamicidade usando diferentes lugares dentro e fora das paredes do museu e também conectar o ontem e o hoje conversando sobre extinção e dispersão humana. Foi um tema confortável e com o qual temos afinidade, ainda assim, apanhamos um pouco para nos apropriarmos ainda mais dos assuntos em fontes confiáveis e, escrevendo sobre isso agora, pensamos que talvez pudéssemos ter falado mais sobre como o conhecimento sobre os temas escolhidos foi se modificando frente a novos achados e novos conhecimentos de áreas afins. Faz parte pensar no que poderíamos ter feito a mais ou diferente, há sempre algo a se aprender olhando para trás, o que inclusive casa bem com o que foi nossa proposta.

Ainda assim, podemos dizer que a experiência como um todo foi de grande valia e altamente gratificante, tendo nos proporcionado um olhar mais profundo na docência. Poder interagir com as crianças e os adolescentes, sermos vistos como professores, perceber entre os alunos que contribuímos com a construção de conhecimentos, e ainda despertar o interesse e curiosidade deles para temas como evolução

Faz parte pensar no que poderíamos ter feito a mais ou diferente, há sempre algo a se aprender olhando para trás

e paleontologia, foi uma forma de reconhecimento diante o trabalho que realizamos, o que nos trouxe um sentimento de satisfação perante nosso projeto. Além disso, ouvir frases do tipo “estude, viu, professora, porque eu quero que você seja nossa professora” ou “vocês deviam dar aula pra gente”

não tem preço e nos deixou com a sensação de dever cumprido.

Após pôrmos em prática a oficina junto a uma turma, conversamos com os professores de língua portuguesa e biologia que gentilmente aceitaram participar e cederam seus alunos para desconhecidos sem saber o que os aguardava. O feedback dos professores que, de certa forma, representam nosso possível futuro, foi positivamente explicitado por diversos elogios feitos, como “Essa mediação feita foi uma aula! Vai facilitar bastante aulas futuras. Vocês tornaram parte do conhecimento palpável para eles. No momento não tenho sugestões, gostei de tudo”. Os elogios não se restringiram a eles. Sem esperarmos, os alunos também nos agradeceram, principalmente por terem tido lugar de fala, por ser permitido interagir, expor sua opinião. Ouvimos que o nosso projeto deu vida e movimento ao museu, mostrando que “museu não é só lugar de coisa velha”.

Talvez tenhamos auxiliado a construir alguns conceitos e ideias nas muito jovens mentes que participaram de nossa intervenção. Mas muito mais do que eles possam ter aprendido foi o que nós aprendemos, para a vida como um todo e principalmente para a parte de nossas vidas diretamente relacionada com a formação

profissional. Fomos surpreendidos com pensamentos demasiadamente coerentes no quesito da conservação ambiental, o que levou a reflexão: *Se eles sabem disso tudo, onde erramos como sociedade na preservação? Por que erramos? Como fazer a teoria se tornar prática cidadã?*

A influência que um professor pode ter na vida e no modo de enxergar a vida de um estudante é maior do que podíamos imaginar, especialmente daquele que se propõe a fazer do processo de ensino-aprendizagem uma permuta e não uma via de mão única e hierárquica entre professor e aluno. E o impacto que eles deixaram cravado nesses amedrontados e sonhadores aspirantes a professores foi ainda maior. Nesse processo, muito mais do que cumprir carga horária e conquistar a aprovação em uma disciplina, conquistamos habilidades e valores.

Dentre eles vale ressaltar: 1) Não subestimar o tempo! Apesar de nos terem disponibi-

lizado toda a tarde, devido a imprevistos ocorridos durante a execução, o horário planejado foi extrapolado. E o que fazer nesses momentos? Só nos resta aproveitar o que está posto e seguir rumo ao objetivo superando os obstáculos do caminho. 2) Prestar mais atenção nos detalhes! Especialmente na reação dos alunos, para que desta forma seja possível nos adaptarmos à eles, às suas motivações, interesses, aproveitá-los didaticamente e contornar momentos de falta de atenção ou dúvidas. 3) Escutar, escutar de verdade! É a maneira como nos conectamos com as pessoas, aprendemos sobre o mundo, sobre nossos erros, sobre como melhorar nossa conduta. De onde menos se espera surgem conversas fartas e colhe-se preciosos grãos que aos poucos “enchem o papo da galinha” ou de quem busca se alimentar de todo conhecimento e possibilidades que o Museu Câmara Cascudo emana desde 1960.



(Foto: Reprodução/Google)

# Todo artista tem que ir onde o povo está

**Severino Guilherme do Nascimento**

Licenciando do curso de Química da UFRN. Interesses em  
Projetos na área da Química, ensino, natureza docência.

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

# 02

**A** docência é uma arte que muitas vezes torna-se dolorida, pois de vez em quando nos deparamos com situações que não sabemos se poderemos resolver, ou contornar, mas que também, podem ser revigoradoras em sublimes momentos, uma grande dádiva cedida pelo Criador.

Quando resolvi me tornar um professor eu já sabia que iria encontrar pelo caminho muitas pedras e que teria que saber transpor estes obstáculos. Sabia que teria que usar além dos meus conhecimentos acadêmicos, os conhecimentos da vida.

Meu nome é Severino Guilherme do Nascimento, tenho 50 anos e sou graduando em Química Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Esta é minha primeira graduação e estou cursando atualmente o sétimo período e avivando uma disciplina chamada Estágio Supervisionado de Formação de Professores II.

O objetivo desse estágio, proposto pela nossa professora/orientadora Josivânia Marisa Dantas, foi um projeto de intervenção em uma escola municipal de nossa cidade, onde teríamos que elaborar um projeto e aplicar para os alunos do ensino Fundamental II. A princípio eu imaginei que seria um período bem corrido, e na verdade foi, pois no Estágio Supervisionado I, tínhamos apenas que observar a escola e trabalhar com artigos e leis sobre a educação, além de elaborarmos relatórios. Já no Estágio Supervisionado II, teríamos um contato direto com os alunos e isso me deu um friozinho na barriga, não vou negar. Nossa orientadora sugeriu que formássemos um grupo de no máximo 4 alunos e escolhêssemos um eixo temático para o nos-

so projeto de intervenção. Depois de formado o grupo, o eixo escolhido foi “Saúde e Corpo Humano”. Logo imaginei que este seria um grande desafio, explicar assuntos de ciências aos alunos do Ensino Fundamental II, mas como a vida é feita de desafios, este seria mais um dos obstáculos que teríamos que transpor.

Escolhemos, a Escola Municipal Professora Terezinha Paulino de Lima, situada na Rua São Martinho, s/n – Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN e então começamos a colocar nossas ideias em prática e pensamos em trabalhar em nossa intervenção com a parte da alimentação. Decidimos explicar para os alunos como devemos e podemos ter uma alimentação mais saudável e qual a importância em evitar alimentos industrializados com aditivos. Depois de planejarmos nosso projeto, seguimos em direção à escola, onde tivemos o primeiro contato com o ambiente. Depois de nos apresentarmos devidamente, fizemos, logo de início, uma pequena reunião com o diretor, a coordenadora/supervisora da escola e o nosso supervisor de estágio. Escolhemos o turno da noite e trabalhamos com turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Nosso primeiro contato direto com a turma foi na nossa terceira visita à escola e estávamos nervosos, pelo menos eu estava, e muito. Não sabíamos como seria a recepção dos alunos perante quatro estagiários, mas eles nos receberam muito bem e foram bastante res-

“Ser professor é ser um artista”

peitosos conosco, até porque a maioria deles já tinha mais de 18 anos.

Na semana seguinte começamos a colocar em prática nosso projeto de intervenção; Elaboramos um pequeno questionário investigativo e aplicamos para uma turma com 20 alunos. O questionário era bem objetivo e com perguntas simples sobre suas refeições diárias (café da manhã, almoço, jantar, lanches, etc.), sobre que alimentos poderiam ser prejudiciais à saúde se consumidos em excesso, se tinham dificuldades em deixar de consumir algum tipo de alimento, se existia alguém na família com algum tipo de alergia a um alimento específico, qual refeição seria a mais importante para cada um durante o dia e qual seria, pra eles, a alimentação diária ideal. Neste dia nosso supervisor não pôde comparecer à escola por motivos de saúde, então tivemos que, além de aplicar o questionário, falar um pouco sobre nosso projeto de intervenção e sobre seu principal objetivo, que era esclarecer aos alunos sobre como ter uma alimentação saudável e sobre o uso de aditivos alimentares. Na semana seguinte, nos reunimos para planejar nossa próxima visita e analisamos os questionários, onde fizemos um levantamento e em seguida, uma apresentação sobre o tema abordado no mesmo, que foi “Alimentação Saudável”. Neste dia compareceram poucos alunos, em torno de 12 ou 14, mas todos prestaram bastante atenção em nossas explicações e ao término de nossa apresentação, pedimos que eles nos trouxessem na semana vindoura, rótulos de alimentos industrializados consumidos em sua residência. Através desses rótulos trabalhamos nossa próxima apresentação, na qual falamos sobre “Aditivos Alimentares” e elaboramos um novo questionário inves-

tigativo, o qual valeu para avaliarmos um pouco do conhecimento dos alunos sobre os temas abordados e comentados nas apresentações e eles mostraram em suas respostas, que entenderam bem o assunto que propomos em nossa intervenção.

Ao término de nossas tarefas, eu pude compreender o que realmente é estar frente a frente com os alunos. Minha visão agora era outra, totalmente diferente. Percebi que eu não estava mais do outro lado e sim do lado de cá, do lado onde minhas responsabilidades aumentaram significativamente, pois eu tinha que me superar a cada momento e não podia falhar. A atenção dos alunos ao que falamos é enorme e temos que ter muito cuidado com o que iremos dizer e como tratá-los, pois eles estão ali para aprender algo que supostamente, nós professores, sabemos mais que eles. Olhando para aqueles rostos, cada um com seu jeito de se expressar, uns com muita atenção, outros com sono, outros visivelmente cansados e outros até com desdém, por querer talvez ir embora ou abrir o celular para ver as mensagens recebidas no Whatsapp, mas que continuavam ali. Todos que lá estavam tinham um único objetivo, aprender a aprender.

Ser professor é ser um artista. Porque não? Em alguns momentos em sala de aula somos cantores, apresentadores, atores, autores, palhaços, pais, irmãos, amigos, conselheiros, e educadores. Não podemos ignorar isto, temos um objetivo quando escolhemos esta profissão e após isso temos que ser dedicados e dar o nosso melhor. Determinação, dedicação, satisfação e amor à profissão, porque o artista tem que ir onde o povo está.

# Várias tardes no museu

**Lucas Alexandre**

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

**Nicholy da Costa**

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

**Rafael Pablo**

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

**Veridiano Dantas**

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

**Vinicius Thawaan**

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientador de Estágio:

Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)

# 03

O componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores II tem se mostrado ao longo dos anos cada vez mais indispensável na formação dos discentes. Thiago Severo, docente responsável por conduzir a turma nessa jornada de aprendizado nos instruiu a experimentar uma coisa diferente esse semestre: exercer a prática de estágio em um espaço não formal de ensino. Aqui buscamos expressar o quão enriquecedora e gratificante essa experiência foi.

Escolhemos o Museu de Ciências Morfológicas (MCM) como nosso espaço não formal de ensino, para o desenvolvimento do nosso Estágio II. O MCM é composto por três salas: Anatomia humana, Museu do mar e Anatomia comparada, cada uma com temas únicos. Durante as primeiras semanas fizemos um trabalho de reconhecimento e integração no museu, acompanhamos visitas guiadas pelos monitores do local e também interagimos com o público que ocasionalmente nos confundia com os monitores. Observamos a dinâmica das visitas de maneira que pudéssemos criar uma forma dinâmica e interativa pela qual os visitantes poderiam ser tocados pela discussão que queríamos trazer e que, a cada novo *brainstorm*, ficava mais e mais complexa. Foi bastante motivador observar a curiosidade e a admiração das pessoas que entravam em contato com o que o museu tinha a apresentar.

Motivados pelos desastres ambientais que assolavam o país na época, nós escolhemos a sala da anatomia comparada para desen-

volver nossa oficina, pois tínhamos em mente a proposta de levar a questão de conscientização e conservação para os visitantes. Com o sentimento de preocupação para com uma questão de dimensões tão grandes, buscamos desenvolver algo que fosse ao mesmo tempo lúdico, mas também informativo e impactante. Estávamos decididos a tentar proporcionar um momento de aprendizado, mas também de reflexão acerca do assunto.

O que tínhamos até então era um espaço que contava com animais empalhados, algumas plantas e a nossa determinação. A primeira ideia que surgiu foi discutir a adaptação dos animais usando suas diversas morfologias para ilustrar; “por que os animais são como são?”, foi o questiona-

Foi bastante motivador observar a curiosidade e a admiração das pessoas que entravam em contato com o que o museu tinha a apresentar

mento que veio em nossas mentes. Queríamos que isso fizesse parte do que estávamos criando. Nessa perspectiva, dividimos a sala em três biomas e alocamos os respectivos animais e características ambientais nesses três espaços: caatinga, floresta amazônica e mata atlântica, para que pudéssemos falar sobre a relação que cada animal tinha com o seu hábitat e como as características deles eram vantajosas em cada ambiente. Mas isso nos parecia pouco, discutir não seria o suficiente para alcançar nosso objetivo, foi então que num rompante surgiu a ideia: “por que não colocamos os visitantes na pele dos animais?”, neste ponto do trabalho pensamos em confeccionar *cards*, os quais iriam conter fotos dos animais que podiam ser encontrados na sala. O que começou como uma tarefa maçante de início, tornou-se significativamente

valorosa, pois nos permitiu um olhar mais atento para os animais que ali se apresentavam, bem como uma visão mais comparativa com relação aos biomas.

A proposta foi a seguinte, os visitantes receberam *cards* na porta da sala e foram encaminhados para o próximo membro do grupo que estava com um celular contendo fotos dos biomas, então o visitante escolheria um bioma que combinasse com o animal do seu *card* e era encaminhado para a parte da sala onde o bioma estava, logo de cara eles descobriam se tinham acertado na escolha, pois os animais estavam separados na sala e era possível identificar onde cada um estava. Após isso conduzimos uma discussão sobre porque os animais são encontrados em ambientes diferentes e o que pode ser observado neles para se chegar a essa resposta. Depois desse momento mais teórico, colocamos o pessoal para montar uma cadeia trófica apenas com os animais existentes no seu bioma e seguimos com uma socialização das ideias para a penúltima etapa da visita: “o que aconteceria se uma espécie fosse completamente extinta nesse bioma?” e para fechar com chave de ouro falávamos sobre o impacto do ser humano na natureza.

Tudo estava pronto, *cards* impressos, conceitos na ponta da língua, chegou o grande dia de receber nossa primeira turma de visitantes. Parecia que íamos explodir de ansiedade e que nada daria certo, até que finalmente quebramos o gelo, cada um de nós assumiu uma função, sendo responsável por uma parte da oficina. A tensão sentida nos primeiros momentos foi sendo completamente esquecida enquanto “passeávamos” pelos biomas do norte e nordeste com os alunos do ensino superior de pedago-



Segunda aplicação (Foto: Equipe/UFRN)

gia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Como foi o primeiro dia de realização da oficina, nos deparamos com algumas dificuldades, como a sequência das etapas, uma vez que com a proposta construtivista do nosso trabalho no início acabamos deixando as discussões soltas demais, o que acabou antecipando etapas antes da hora, já que os visitantes se mostraram eufóricos com a proposta. Entretanto, com o desenrolar da oficina a tensão foi diminuindo e como a turma foi muito participativa, tornou todo o processo mais tranquilo, permitindo que nós conseguíssemos reorganizar a sequência da oficina e tudo transcorreu como o planejado. Durante a aplicação do trabalho, eles permaneceram muito atentos e bem humorados. Foi muito gratificante ver as brincadeiras e discussões fluindo de forma natural. Finalizamos com a crítica às ações antrópicas no ambiente e pedimos para que comentassem. Muitas falas significa-

tivas surgiram, o que tornou a discussão bastante rica. Percebemos no primeiro grupo que a discussão final trazia um clima denso para a sala, mas decidimos manter a ideia. Ouvimos elogios dos visitantes como o caso de uma estudante que já havia visitado o museu por conta própria e afirmou que a oficina na sala da anatomia comparada tornou a experiência muito mais interativa, interessante e significativa do que a forma expositiva que havia sido apresentada no primeiro momento em que ela esteve presente no Museu.

Depois do primeiro dia agendamos outras datas para a aplicação da oficina, todavia, foi aí que nos deparamos com a grande dificuldade dos espaços não formais de educação e a disponibilidade de veículo para transporte dos alunos. As visitas estavam agendadas, estávamos prontos para dar continuidade ao trabalho, mas por motivos diversos as visitas foram canceladas, impossibilitando a aplicação da oficina. Isso nos desestimulou profundamente, pois o período de finalização do estágio estava se aproximando. Após uma semana sem nenhuma visita ao museu em que pudéssemos encaixar nosso projeto, eis que surge uma escola. Diferente do primeiro público que recebemos, esse grupo era composto por crianças e pré-adolescentes, por esse motivo a segunda aplicação se

mostrou mais desafiadora. Os alunos se mostraram muito empolgados e envolvidos com a proposta, transformando esse desafio em mais uma socialização de conhecimentos bem sucedida. Sendo assim, com uma abordagem construtiva da aprendizagem conseguimos conduzir ricas discussões de saberes que trouxeram à tona conhecimentos do cotidiano dos alunos, dos locais em que moravam, dos costumes de suas famílias... Ao final, mais uma vez, aquele clima triste nos olhos dos visitantes.

Essa jornada chegou ao fim e, mesmo com todas as dificuldades e desafios, podemos dizer com tranquilidade que não estamos partindo do jeito que chegamos. Conhecimento foi construído em nós também, afinal estamos passando pela formação docente. Estar em contato com pessoas que compartilham dos nossos interesses e ficar submersos num ambiente de aprendizado, foi extremamente enriquecedor para o prosseguimento de nossas futuras carreiras na docência. Essas pequenas coisas nos lembraram porque escolhemos licenciatura, porque queremos ser professores; o brilho no olho de um aprendiz que acaba de descobrir uma coisa nova é o que nos move. Perseveremos nesses tempos difíceis para a educação, pois a educação transforma vidas.



(Foto: UFRN)

# Experiências e desafios de um projeto

## ***Janeclide E. de Lima***

34 anos. Estudante de Biologia Licenciatura. Apaixonada pela Biologia desde a 5<sup>o</sup> série. Adora viver ao ar livre, eclética para músicas e livros. Sonha em trabalhar com seu maior amor: zoologia marinha.

## ***Mariana Lisboa Nobre da Silva***

Optou por ser bióloga por ter a afeição à natureza como única certeza desde a infância; depois de formada, ingressou na Licenciatura para compartilhar paixões que surgiram como novas certezas durante a primeira graduação.

## ***Mircela Dayana de Araújo***

Cursando Ciências Biológicas Licenciatura - 2015.2 (UFRN). Bolsista no projeto de extensão: Reflexão educativa para conscientização e transformação de comportamentos em situações de risco ao HIV. Participou do PIBID Biologia.

Orientador de Estágio:  
Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)

# 04

**O**s **proletariados** é um grupo de licenciandos do curso de Ciências Biológicas da UFRN que possuem trajetórias bem diferentes de vida, de trabalho e de universidade.

Não é de hoje que se fala na importância e no poder dos desafios. Podemos até pensar neles como mecanismos de evolução biológica. A saída do mar, alterações na composição de gases atmosféricos, mudanças de temperatura... podem até ser exemplos drásticos, mas ilustram claramente como nada seria como é sem os desafios. Hoje, ao chegarmos ao fim do componente curricular Estágio Supervisionado de Formação de Professores, essa experiência pode ser lida como um enorme desafio que superamos.

Optamos por desenvolver nosso projeto na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (Floca) localizada em Mirassol. O famosíssimo FLOCA recebe semestralmente diversos alunos da UFRN – pela localização, estrutura da escola e também por essa já conhecida recepção.

Ao chegarmos na escola estávamos perdidos; a maioria nunca havia desenvolvido um projeto, não tinha facilidade em encontrar uma questão geradora, em desenvolvê-la. Havíamos decidido pelo eixo Ser Humano e Saúde e essa parecia a única coisa que sabíamos que seria feita. Momentos de desestímulo e até mesmo preguiça ocorreram. Mas como sabemos, o mais difícil de qualquer coisa é apenas começar.

Para delimitar melhor o que seria feito, quisemos saber o que a comunidade escolar julgava necessário: dentre temas sugeridos como obesidade e drogas, a grande maioria optou pela temática da sexualidade. Tínhamos, final-

mente, um norte, mas deveríamos atravessar alguns vales; andar em uma direção apenas por indicação de uma seta não é caminhar em direção alguma.

Primeiro não conseguimos discernir muito bem o tal do Tema Gerador. No entanto, graças à experiência e conhecimento de uma de nós (Mircela), enxergamos no problema atual da HIV uma oportunidade. Índices de detecção e óbitos aumentando cada vez mais no RN, juventude suscetível, e pouca gente falando sobre. Infelizmente, parece que HIV e AIDS são coisas do passado. Pra piorar os financiamentos públicos para campanhas vêm sendo cortados e parte do conservadorismo acha que não se deve falar em educação sexual. Como combater um problema fingindo que ele morreu há 20 anos? Como fazer um dos grupos mais afetados cientes da seriedade disso?

Trouxemos então, depois de cerca de 4 semanas do início do estágio, uma sugestão para a nossa supervisora. Desde o início percebemos sua abertura e empolgação. Ela apoiou a escolha do tema e a cada movimento de concordância com a cabeça, somado aos seus olhares atentos era perceptível sua empolgação, sua



Como combater um problema fingindo que ele morreu há 20 anos?



vontade de fazer diferente, de movimento. Sem dúvidas, uma inspiração. Ela se prontificou em nos ajudar e por várias vezes debatemos juntos o nosso projeto, para então aperfeiçoar a ideia inicial.

As coisas então começaram a soprar mais a nosso favor: o único horário em que podíamos todos frequentar a escola era na quinta-feira entre 7h e 11h. Não poderíamos realizar as atividades se não houvesse aulas de ciências nesse horário. Por sorte, a supervisora da-



**Foi gratificante ver a participação e competição entre os alunos**



ria aula para uma turma que já tem proximidade com a temática da sexualidade, entre 7h e 8h40. Alguns dos alunos têm um grupo de divulgação, através do qual compartilham conhecimentos e tentam conscientizar os colegas de escola.

Uma semana antes do nosso primeiro contato com a turma, deixamos uma caixa de perguntas e nos apresentamos para os alunos do 9º ano. O objetivo de caixa era entender as concepções alternativas dos alunos e fornecer uma aproximação do nosso projeto com a turma, pois as perguntas seriam feitas de forma anônima, para que eles se sentissem mais confortáveis.

Em nossa primeira dinâmica sentimos uma mistura de “frio na barriga” com ansiedade.

Não sabíamos como seria a receptividade da turma, se eles haviam feito perguntas e se o assunto chamaria a atenção. Inicialmente, aplicamos o jogo Kahoot, que foi adaptado para que a dinâmica fosse mais interativa e para que todos os alunos do grupo participassem, e também porque não havia internet na escola. Dividimos a sala em quatro grupos, entregamos uma espécie de quadro branco, confeccionado com PVC, e piloto para quadro branco. As perguntas foram projetadas no quadro e os alunos respondiam de acordo com o solicitado. Foi gratificante ver a participação e competição entre os alunos. Ao final, distribuimos pirulitos para todos e o grupo vencedor ganhou chocolates. Acreditamos que foi até mais legal e ativo do que fazer o jogo com os celulares e internet.

Para finalizar o nosso primeiro contato com a turma, aplicamos o jogo cadeia de transmissão, idealizado pela professora Fabiana Lima Bezerra, do departamento de microbiologia e parasitologia da UFRN, e utilizado em atividades de extensão. Fizemos apenas algumas alterações por julgarmos que havia algumas limitações no jogo que poderiam levar a más interpretações.

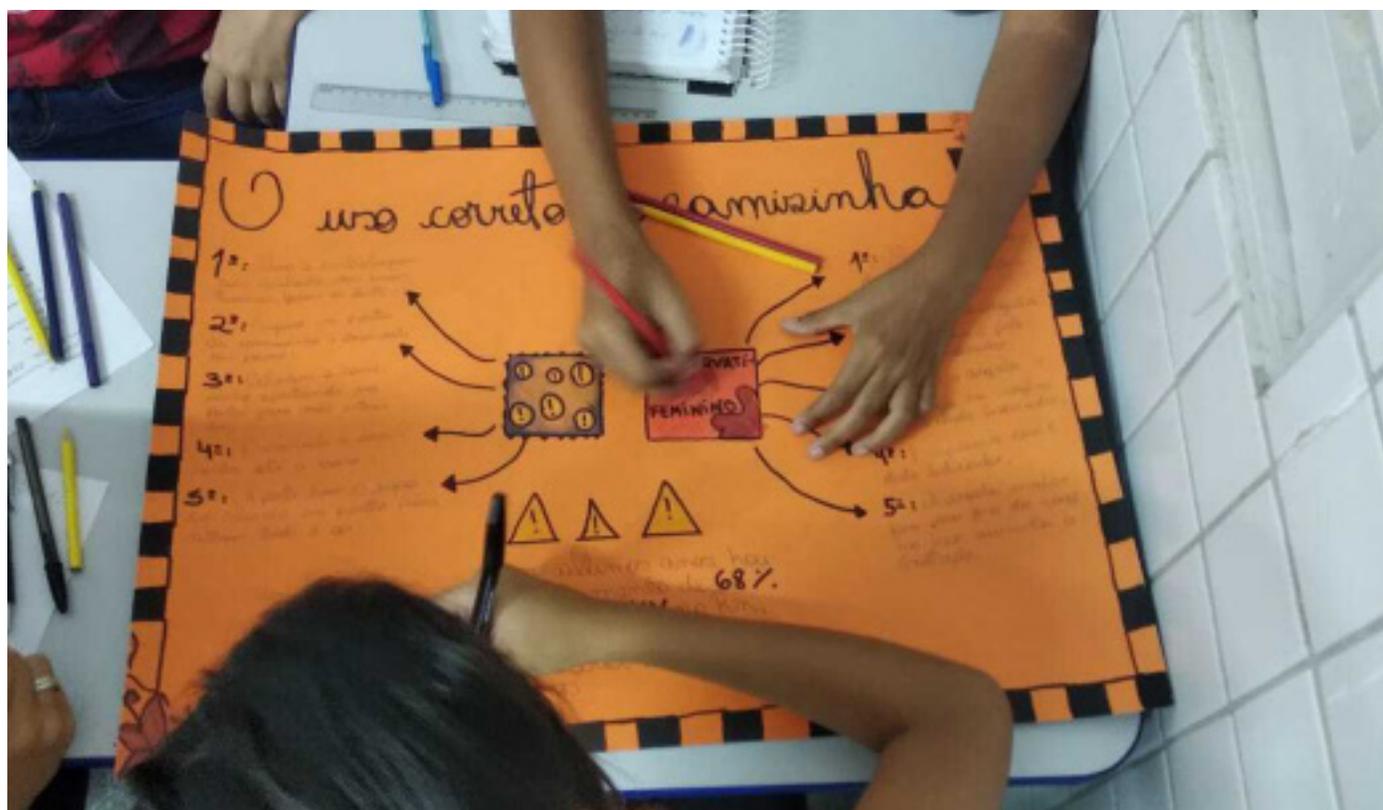
Neste jogo a turma interagiu ao som de uma música (escolhida pelos alunos) como se estivesse em uma festa. Quando a música parava, os alunos formavam duplas com quem estivesse mais perto ou com quem escolhessem. Cada aluno da dupla anotou qual o símbolo do parceiro. Os que estavam com o círculo ou se encontraram com alguém com círculo, apenas desenharam o símbolo do encontro. Os que estavam com quadrado, por outro lado, anotaram não só o símbolo do parceiro, como todos os outros símbolos que estavam escritos em sua

forma geométrica. Quando a dinâmica chegou ao fim, distribuímos resultados fictícios de teste para HIV; os que estavam com quadrado e entraram em contato com triângulo ou com outro quadrado que tivesse tido este contato receberam resultados positivos. Todos os demais participantes receberam resultados negativos. Ao finalizar, fizemos uma discussão falando sobre a importância do uso do preservativo e como um resultado desse poderia impactar na vida de cada um deles. Questionamos qual seria o próximo passo, para quem havia recebido um resultado positivo, e ouvimos comentários como: “minha vida acabou”, “fingiria que não tenho e iria infectar outras pessoas”, “não há cura”. Estes questionamentos foram fundamentais para que o nosso grupo pudesse seguir com o nosso segundo encontro.

Ao finalizar o primeiro dia recolhemos as perguntas que estavam na caixa e classificamos as temáticas questionadas em três categorias: mitos e verdades, curiosidades dos alunos e

sintomas e prevenção do HIV/AIDS para poder levar as respostas para a turma.

No segundo dia de intervenção o nosso grupo focou em trabalhar as perguntas que foram feitas pelos alunos do 9º ano de forma dinâmica, com isso, levamos questões em uma apresentação de slides, exibimos o trecho de um episódio da série *Elite* (Netflix, 2018), pois a personagem principal é portadora do vírus. Essa exibição tinha como objetivo falar sobre como ocorre o tratamento para o HIV, diferenças entre HIV e AIDS e levantar questionamentos referente a responsabilidade que devemos ter sobre a nossa saúde e a saúde da nossa comunidade. Este foi o momento mais interativo, de acordo com a percepção do nosso grupo, os alunos fizeram muitas perguntas e sentiram-se confortáveis, até mesmo para perguntas individuais, tratando de sua vida pessoal, o que achamos maravilhoso, pois isso demonstrou que nós tínhamos conquistado a confiança deles e que nossa intervenção trouxe para parte daqueles



(Foto: Os proletariados/UFRN)

alunos um conhecimento que é aplicável em sua vida e não apenas um conteúdo que foi trabalho em sala de aula. Ninguém escuta se não é escutado; termos dado atenção a todas as perguntas feitas teve papel importante nesse engajamento sincero dos alunos.

Em nosso terceiro e último momento pedagógico, tivemos o objetivo de avaliar como a nossa proposta foi percebida pela turma. Os alunos se reuniram em quatro grupos e para cada grupo foi disponibilizada uma cartolina e materiais como: cola colorida, tinta guache, caneta hidrográfica, lápis de cor e guias de leitura. Os grupos trabalharam os seguintes temas:

**Grupo 01: o passo a passo para utilização de camisinha de forma correta;**

**Grupo 02: história em quadrinhos sobre a importância de camisinha;**

**Grupo 03: composição química de camisinha;**

**Grupo 04: evolução do vírus HIV no corpo humano.**

Os alunos ficaram tão empolgados com a produção que pediram para a professora supervisora conversar com o professor de matemática, que ficaria responsável pela turma no próximo horário, para que ele cedesse sua aula e eles pudessem passar mais tempo elaborando os cartazes. No final tivemos excelentes trabalhos, criativos e informativos. Colamos os cartazes junto aos alunos no corredor, próximo a sala do 9º ano.

Uma única falha desse momento foi não termos ficado cada um próximo a um grupo os guiando e dialogando desde o início. No começo ficaram um pouco perdidos. Sem dúvidas, isso seria diferente se fôssemos repetir a experiência.

Muito se aprendeu ao longo destes dias, e podemos dizer que mais ganhamos em aprendizado do que ensinamos com esta experiência. Aprendemos com cada olhar atento, cada troca de sorrisos, cada resposta e até com as perguntas um tanto quanto estranhas que nos deixavam surpresos. Abraços e pedidos de retorno nosso pelos alunos foram simples gestos que traduziam a gratificação mútua pela experiência. Um educador não pode ser, de maneira alguma, apenas um transmissor de conhecimentos técnicos.

Muitos foram os momentos de incertezas, de nervosismo, de insegurança, de medo. Medo de dar errado, medo de não haver recepção, medo de tocar em pontos sensíveis demais. Mas muitos foram, também, os momentos de satisfação, de confiança, de conforto dentro da sala, de agradecimento por ter, sim, ouvidos e olhos bem atentos. Plenitude por sentir que aquilo faria alguma diferença, por menor que fosse.

Nem todos nós demonstramos ou sonhamos desde sempre em nos tornar educadores. Nem todos querem. Mas é certo que depois da experiência no Estágio II, cada um pôde personificar, nem que fosse só um pouco, esse papel; todos puderam andar pelo menos um passo na trilha da educação. E que desafio gratificante que foi...



(Foto: Tom Hermans/Unsplash)

# A capacidade que a escola pública tem de surpreender

***Alisson Bezerra***

Estou no sexto período da Licenciatura em Física. Além de Física, me interesso por astronomia e áreas correlatas. Gosto de ler e ouvir música para passar o tempo.

Orientador de Estágio:

Prof. Dr. Wilson Elmer Nascimento (UFRN/DPEC)

# 05

**A**o iniciar as atividades do Estágio Supervisionado de Formação de Professores II na escola Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Ana Júlia de Carvalho Mousinho, zona norte de Natal, eu já estava familiarizado com a equipe gestora, docente e o ambiente da escola, pois foi onde fiz o Ensino Médio e o Estágio I. No entanto, ainda não estava me sentindo confortável para entrar em contato com os alunos; em todo o Estágio I, quase não houve interação com eles, mas isso mudou de maneira surpreendente durante o Estágio II.

Nos primeiros dias do segundo estágio, fiquei observando e conversando com os professores; falei de meu projeto de intervenção para a minha supervisora e disse que seria bacana realizá-lo no contexto do Festival de Arte e Cultura (Festac) da escola, um evento anual. Logo ela me apresentou uma turma do terceiro ano, por quem ela e um professor de Geografia ficaram responsáveis para auxiliar na elaboração de um trabalho para ser apresentado no Festac.

Estava nervoso diante daquela turma, mas os alunos me receberam bem, deixando-me mais à vontade. Falei que iria participar do desenvolvimento do trabalho do FESTAC junto com eles, e que isso seria o meu projeto de estágio. Os alunos ficaram animados, pois estavam com dificuldades, devido à complexidade do tema que os professores lhes atribuíram: placas fotovoltaicas/energia solar.

Meu projeto de intervenção, inicialmente, seria ensinar conceitos de Física com literatura, pois queria estimulá-los a adquirir o hábito de ler, mas logo mudei de ideia, pois queria que

a turma se envolvesse mais ativamente no projeto, e, para isso, precisava de uma ideia que envolvesse a participação mais ativa deles. Ainda tentei desenvolver o projeto sobre as placas, mas até eu estava com dificuldade para fazer algo interessante com aquele tema. Repentinamente, tive a ideia perfeita: ensinar Física com teatro.

Com essa ideia, faltava agora definir o tema da peça e que conceitos iriam ser trabalhos por meio dela. Assim, seria preciso elaborar um roteiro e organizar todo o resto. Isso foi resolvido num dia em que conversei com alguns dos alunos da turma durante o intervalo.

**Estava nervoso diante daquela turma, mas os alunos me receberam bem, deixando-me mais à vontade**

Me aproximei de um pequeno grupo que estava sentado e comecei a conversar com eles sobre minha nova proposta de projeto. Eles gostaram bastante da ideia. Inclusive uma das alunas disse que já tinha atuado em peças de teatro anteriormente. Um colega dela, que

não era da turma, mas que estava presente no grupo sugeriu o tema terremotos, já que abordaria tanto a Física quanto a Geografia. Achei ótima a ideia do tema e o acatei. Agora era só apresentar a nova proposta à turma.

Apresentei a proposta e, para a minha surpresa, todos, com exceção de um aluno, gostaram bastante da ideia e ficaram entusiasmados. Posteriormente aquele um aluno também ficou animado e fez várias sugestões ao longo de todo o processo de preparação da peça.

Por meio de uma aluna, fiquei sabendo que a turma fizera um passeio, há poucos dias, à mina de Brejuí, em Currais Novos, junto com o professor de Geografia. Aproveitando isso, pen-

sei em inserir o contexto dessa mina em parte da peça. Nas minhas pesquisas sobre os terremotos, decidi recriar o episódio histórico do Sismo de João Câmara, que ocorreu em 1986, mas na perspectiva de quem estava trabalhando na mina de Brejuí na hora do abalo.

Então, junto com a turma, em todos os encontros seguintes, discutimos o roteiro que eu vinha preparando e as ideias que eu vinha tendo; eles sempre davam muitas sugestões, das quais acatei boa parte. Por fim, o roteiro da peça ficou definido assim: duas partes; uma se passava em 1986, na mina de Brejuí, e a outra, no presente, na praia da Redinha, perto da ponte Newton Navarro, ponto turístico de Natal. Nas duas partes inseri elementos de comédia no roteiro para que a peça ficasse mais atrativa. A primeira parte abordaria mais os conceitos relacionados à Geografia, além do tema principal, os terremotos; a segunda, abordaria mais os conceitos relacionados à Física, mas o tema terremotos também estaria presente, até porque em ambas as partes da peça ocorre um terremoto, cada um em um contexto.

A organização do cenário, os efeitos, a acomodação do público no dia da apresentação, tudo isso ficou por conta da turma, com minha supervisão e da supervisora do estágio. Mesmo depois do roteiro pronto, muitas sugestões e adaptações foram feitas pela turma, o que deixou tudo muito melhor do que eu esperava. Durante todo o estágio, aos poucos, fui perdendo a timidez de falar com os alunos, passando da

apreensão à diversão. A pesquisa para elaborar o roteiro da peça e o próprio processo de escrita foram para mim experiências de grande aprendizado, pois percebi o quão trabalhoso é uma atividade como aquela, como se pode sempre melhorar e adaptar o texto, deixá-lo mais interessante.

Todos da turma fizeram um trabalho incrível, me surpreenderam bastante com todo o empenho, desde o processo de elaboração do roteiro, até a confecção do cenário, a preparação dos efeitos, a entrega dos alunos que atuaram. Todos participaram bastante, com muito ânimo, o que me deixou feliz e orgulhoso. Foram particularmente muito divertidos os ensaios finais que fizeram em minha presença...

No dia da apresentação da peça no FESTAC, ainda restavam alguns preparativos na sala, houveram alguns imprevistos, ainda alguns últimos ensaios, mas, no fim, deu tudo certo. Eles fizeram a apresentação para o público da escola e a comunidade e todos gostaram, muitos elogiaram. Especialmente nesse dia foi quando eu vi que todo o trabalho realmente valeu a pena, que tudo saiu melhor do que imaginei; e tudo graças à dedicação dessa turma, que certamente não será esquecida por mim na minha formação como professor, assim como espero que eles também guardem essas vivências que tiveram na escola, nesse período em que estive com eles.



(Foto: Alisson Bezerra/UFRN)

# O primeiro contato

***João Paulo dos Santos Bezerra***

Graduando em Ciências Biológicas licenciatura e um admirador da Natureza. Defensor de uma educação com uma visão integradora da comunidade escolar.

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 06

**A** minha experiência no Estágio Supervisionado de Formação de Professores I em Ciências Biológicas foi realizada na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, mais conhecida como Floca, localizada na zona Sul da cidade. A princípio estava um pouco apreensivo, ansioso e ao mesmo tempo motivado para mergulhar de fato na realidade do sistema público de ensino e contribuir com meu conhecimento que está sendo construído na graduação mesmo como uma espécie de “observador”, visto que se trata do primeiro contato curricular prolongado com uma instituição de ensino. Fui muito bem recebido pelos membros da comunidade escolar, principalmente pela minha supervisora, uma profissional maravilhosa que apresentou toda a instituição para mim e os demais colegas de estágio, nos recebendo de braços abertos e estando a disposição para nos dar assistência durante essa trajetória na escola.

Pude perceber  
nesses alunos  
diferentes histórias  
de vida marcadas  
por adversidades e  
objetivos distintos

A escola tem um público bastante heterogêneo com alunos provenientes das diferentes zonas do município de Natal, principalmente Norte e Oeste, e demais municípios da região metropolitana que se deslocam diariamente nos turnos da manhã ou da tarde em direção a instituição.



(Foto: Reprodução/Google)

Pude perceber nesses alunos diferentes histórias de vida marcadas por adversidades e objetivos distintos que de certo modo refletem na sua escolha profissional, e como futuro docente também fiz uma reflexão de como posso contribuir para fazer a diferença na vida dessas pessoas e motivá-las a traçar um caminho. Acredito que este seja um papel indispensável do professor ao fortalecer o seu olhar holístico sobre seus alunos adotando metodologias de ensino inclusivas, construtivistas, que favoreçam a aprendizagem significativa deles e conseqüentemente ajude a transformar a realidade na qual vivem, externando as suas potencialidades.

Acompanhei, através de alguns relatos, que os principais anseios dos alunos quanto aos estagiários era o feedback que os mesmos não davam a eles, ou seja, passavam pela instituição sem estabelecer um vínculo, como se fossem números. Não se identificavam nem mostravam o propósito do trabalho desenvolvido na escola, sendo conseqüentemente duas entidades distintas que não se comunicavam.

Eu questionei: o que fazer para melhorar essa situação? A resposta estava concentrada em dicas para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Essa concepção é bastante forte-

lecida em quase todas as instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, da qual fiz parte como discente, pois a grande maioria dos alunos está ansiosa em passar por esse processo seletivo, sofrendo pressões não só dos professores, mas também dos familiares, uma vez que o acesso ao ensino superior, segundo eles, é um passo importante para “ter um futuro melhor”.

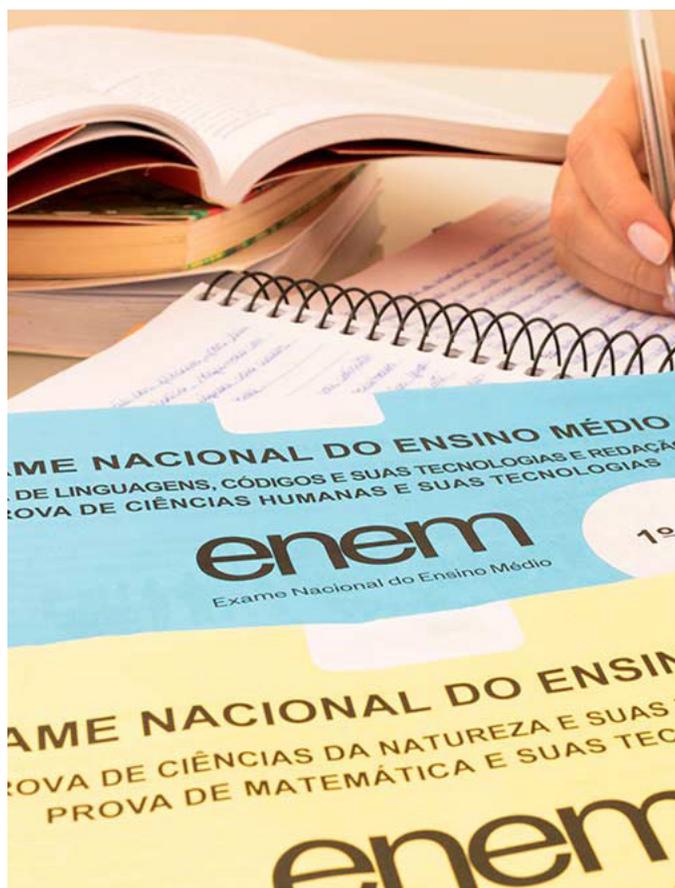
Nessa trajetória, a ausência de motivação dos alunos muitas vezes pode ser fruto da aprendizagem mecânica que a maioria dos docentes perpetua no processo de ensino-aprendizagem a qual o discente é submetido como um mero depósito de informações. Cria-se um distanciamento entre aluno e professor, e, conseqüentemente, a não aplicação do conhecimento em situações práticas do cotidiano. Percebi também, no depoimento dos estudantes, uma preocupação com a segurança na instituição devido ao seu entorno ser uma área vulnerável a assaltos.

O corpo docente da Escola é qualificado para suas funções e também diversificado quanto a estratégias de ensino adotadas aos alunos. A sala ambiente é o modelo preconizado pela instituição com o deslocamento dos alunos para a sala específica da disciplina em cada horário estabelecido, assim o professor tem autonomia para adaptar o seu ambiente de trabalho para as atividades desenvolvidas com os alunos. A falta de valorização do professor e a necessidade de reconhecimento de sua importância para a sociedade foi percebida em seus discursos e como um docente em formação esse contato foi indispensável, servindo como uma ponte para troca de saberes e experiências, agindo como um diferencial no amadurecimento profissional em

A ausência de motivação dos alunos muitas vezes pode ser fruto da aprendizagem mecânica

construção.

Portanto a experiência com os membros da comunidade escolar durante o Estágio I no Flocas foi importante para potencializar habilidades, fortalecer os sentimentos de empatia e resiliência ao compreender a trajetória desses agentes fundamentais no processo educacional e fazer a diferença mesmo diante dos obstáculos da profissão docente.



(Foto: Shutterstock)

# O grande desafio

***Cristal Soares Combes***

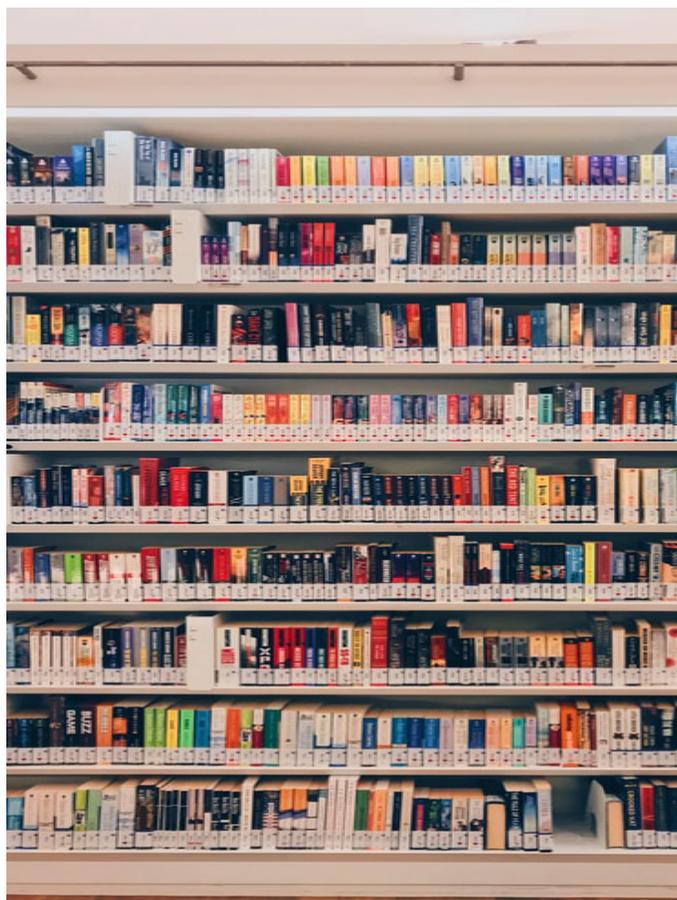
Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 07

**N**o início do semestre de 2019.2, na disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, ministrada pela professora Rute Alves, eu enfrentei um desafio: voltar à uma escola de ensino médio. Mas quem sou “eu”, e por que isso foi um desafio? Primeiramente, me apresento: sou Cristal Soares Combes, aluno de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fui um aluno que, apesar de conseguir boas notas na escola, não era muito bem visto pela gestão escolar. Por que? Vamos listar... Era contra fardamento, horários, autoridade concedida, entre outros. E obviamente o “desafio” era ter que voltar a uma instituição a qual eu tinha uma visão preconceituosa, crítica e negativa. Vale salientar que eu não tinha uma visão contra uma escola em particular, e sim contra a organização escolar brasileira em geral.



(Foto: Zaini Izzuddin/Unsplash)

Agora vou falar sobre a escola que escolhi e que me aceitou para estagiar. Uma escola estadual da zona sul de Natal, que tem um nome grande e pomposo, o nome faz jus ao seu tamanho. É uma escola que possui 22 (vinte e duas) salas de aula, fora salas de laboratório, sala dos professores e demais anexos de atividades complementares, inclusive um ginásio, que infelizmente não foi entregue ainda.

A biblioteca possuía muitos livros e apesar de não ser frequentada por todo o público escolar, era bem aproveitada por aqueles que a utilizavam. Funcionava tanto como uma área de leitura como também para empréstimos de livros. A funcionária responsável pelo espaço era muito simpática e acolhedora, doou um bom tempo para nos atender, sanar dúvidas sobre o funcionamento e nos agradecer com uma boa conversa; nos contou sobre os alunos mais antenados à leitura e sobre seu tempo na escola, levantando os bons momentos e os não tão bons assim.

A instituição foi projetada para ser acessível a pessoas com necessidades especiais, e isso consta no seu Projeto Político Pedagógico (PPP), contando com rampas e corrimões, além de banheiros adaptados. A escola tinha uma aluna com Transtorno de Espectro Autista - TEA.

Na escola ainda existiam diversos projetos como karatê e grupo de dança, que inclusive tive o prazer de assistir a uma de suas apresentações, como também a uma apresentação de violoncelo, que conseguiu me fazer derramar duas lágrimas com um cover de umas das músicas de Johann Sebastian Bach.

O grupo de karatê treinava semanalmente às quintas-feiras e os alunos eram muito dedicados, sendo possível escutar o treino por todo

o território perto do refeitório. O refeitório, dotado de umas 5 mesas, comportava parte dos 200 alunos do turno vespertino. A outra parte, que não sentava nas mesas centrais do refeitório, se acomodava nos bancos de conversa periféricos. A escola, como deveriam ser todas as escolas públicas, oferecia merenda escolar, por volta das 15:30h. Ela servia aos alunos pratos que variavam bastante, desde canja de galinha até mugunzá, mas apesar do cardápio variado, uma parcela dos alunos, geralmente os mais velhos, se recusava a comer a merenda e preferia comprar seu lanche no quiosque que ficava dentro das dependências da escola. Pode ser engano meu, mas aparentou que o costume de comer o lanche comprado no quiosque era uma forma de discriminação com aqueles que comiam a merenda escolar.

Falando agora um pouco sobre o grupo de dança. Os alunos que participavam, treinavam nos horários opostos aos seus respectivos horários de aula, assim como todas as demais atividades extracurriculares. A escola dispunha de uma sala de dança, com espelhos e chão liso, mas não sei afirmar se era usada com frequência, pois pessoalmente só presenciei sua utilização uma vez, no dia da apresentação ou show de talentos, como os próprios alunos preferiam chamar.

Apesar de eu não ter presenciado nenhum treino, além do grupo de karatê, a escola possuía um grupo de JIU-JITSU, que tinha uma sala dedicada aos seus treinos, e uma sala de musculação para atuar em paralelo com a luta.

A escola possuía diversos outros projetos, alguns tendo ligação com a UFRN, como o PIBID. Lá existia um grêmio estudantil, formado por três alunos que tanto participa-

“  
Eu mesma tive minha  
visão de ensino médio  
alterada pelo estágio  
nessa escola  
”

vam da elaboração de eventos na escola como também eram mediadores em “negociações” entre alunos e a gestão escolar.

A gestão escolar era formada por duas mulheres, uma delas assumiu o papel de minha supervisora de campo, e eu tinha o prazer de ir ao seu encontro todos os dias para tirar dúvidas, assinar a lista de frequência e, claro, para ter acesso a laboratórios e demais ambientes para observação. Dentre os laboratórios, estavam o de biologia, física, robótica e a sala de informática, essa última era um tanto complicada, como foi explicado pela gestão, entre as burocracias e papeladas, não conseguiram ter ao mesmo tempo computadores e internet funcionando.

O laboratório de biologia, era equipado com lupas e uma vidraçaria bem variada, porém segundo a professora de biologia do colégio, os equipamentos estavam velhos e sem condições de uso. É uma pena, já que o laboratório tinha uma arquitetura bem planejada, com cinco mesas/bancadas de concreto centralizadas e planejadas para serem voltadas para os alunos.

A escola apresentava, além de banheiros, tanto adaptados quanto normais, vestiários, localizados perto do refeitório, um masculino e outro feminino.

Um pouco sobre os alunos, sem revelar a identidade, claro. O colégio abrigava obviamente alunos e alunas, e alunos com deficiência como

era o caso da menina com TEA. Os alunos eram de todas as regiões de Natal, menos da região circunvizinha à escola (região de classe média e média alta), isso segundo pesquisa realizada pelo meu grupo do estágio.

A escola apresentava, ao menos no turno vespertino, uma evasão escolar nítida, comparando o turno matutino com 700 alunos, contra 200 do vespertino. Os próprios responsáveis não sabiam explicar o porquê. Por estar localizada em uma área nobre de Natal, a escola chamava a atenção de criminosos e os frequentes assaltos que aconteciam nos arredores já haviam sido testemunhados por diversos alunos e funcionários.

A escola, apesar de seus defeitos, comparando com o modelo de escola pública co-

nhecido, possui capacidade para ser uma escola de nível reconhecido, contando com, além de aulas, projetos extracurriculares que chamavam a atenção, funcionários dedicados ao serviço e alunos com vontade de crescer. Talvez se vivêssemos em uma sociedade que valorizasse não só alguém educado, mas também o processo de educação, um colégio como esse seria uma instituição que produziria para a sociedade grandes nomes com capacidade para grandes feitos. Eu mesma tive minha visão de ensino médio alterada pelo estágio nessa escola, parei de enxergar a gestão escolar como doutrinadores e passei a vê-los como profissionais que tentam e fazem o máximo possível para que a escola cresça e evolua, assim como seus alunos.



(Foto: Artemisa de Andrade)

# Interações na Escola

**Anne Carvalho**

Nascida no Nordeste do Brasil, gosta de estudar, aprecia ler textos reflexivos e ouvir MPB (Música Popular Brasileira).

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

08

**O** convívio com as pessoas que eu encontrava quando chegava à escola era sempre amigável. O dia de entrevistas que era proposto pelo estágio (2ª semana) foi o primeiro contato, em termos de conversa, sobre a relação entre os indivíduos e a escola.. As conversas com os funcionários mostraram mais satisfação do que queixas em relação ao ambiente escolar (conversei com porteiros e funcionário do arquivo). Os alunos que entrevistei disseram que gostariam de ter ar-condicionado nas salas e apontaram a ausência destes como um aspecto negativo. No decorrer do estágio o contato que tive com os alunos ocorreu em momentos pontuais, uma conversa com um aluno que estava na sala da equipe técnica buscando transferência da escola e o contato com a aluna que trabalhava na cantina (sempre respeitosa, se dirigia a mim chamando-me de senhora).

Em um dos dias de estágio mantinha-me observando a escola e procurei conversar com as merendeiras na busca de tomar um cafezinho. Nesse dia pudemos conversar sobre várias coisas da vida e a partir desse primeiro contato passamos a conversar outras vezes e a estabelecer uma relação amistosa e gentil. Passei a me sentir querida ao encontrá-las, principalmente, pelo incentivo que me davam para eu

As conversas com os funcionários mostraram mais satisfação do que queixas em relação ao ambiente escolar



Show de talentos FLOCA 2019 (Foto: Anne Carvalho/UFRN)

não desistir do curso, lembro fortemente do conselho de uma delas: “-Nada na vida é fácil, mas persista que você consegue, a gente não deve ficar pensando que não vai conseguir não, temos que pensar que vamos conseguir”. Lembro que eu, ao ouvir isso, fiquei envergonhada mas considerei a importância do conselho, e assim agradei.

O Estágio Supervisionado de Formação de Professore I me permitiu encontrar as pessoas de forma muito breve, mas posso considerar que alguns momentos foram bem interessantes em termos de experiência adquirida a partir do que outras pessoas me diziam, histórias de vida diferentes, outros olhares... assim considero como positivos os momentos vivenciados, as conversas compartilhadas e chego ao fim do Estágio I com o sentimento de gratidão.

# Paredes que falam

*Iris Larissa*

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

09

**T**udo que está a nossa volta tem algo a dizer ou expressar. Sendo assim, não acontece diferente com o espaço físico da Escola Estadual onde realizei o Estágio I. Ocupando um amplo espaço que atravessa o quarteirão, a escola é constituída de 24 salas de aula, além de salas para laboratórios de ciências, salas de jogos, biblioteca ampla e recém reformada, sala de arquivo, salas destinadas a diretoria e coordenação pedagógica, banheiros, amplo espaço de convivência, um ginásio em processo de construção. Aparentemente, tudo que uma escola precisa para desenvolver múltiplas funções, que podem ir além de conteúdos transmitidos em sala de aula.

No entanto, no pouco tempo que convivi nesta escola pude perceber que todo aquele espaço me dizia muito sobre a realidade da instituição. Além de todas essas estruturas de concreto, uma coisa era muito presente na escola, portões e cadeados. Logo ao chegar nos deparamos com o primeiro portão, esse estava sempre aberto. Logo em seguida, o segundo portão, que estava sempre sob o comando de um porteiro, controlando entradas e saídas. Adentrando a escola e seguindo em direção às salas de aula nos deparamos com outro portão, também sob a guarda de um porteiro. Ao final do espaço de convivência tínhamos mais um portão, este, por sua vez, estava sempre fechado por um cadeado. Este último portão bloqueava a circulação dos alunos por uma boa parte da escola, os corredores das salas de laboratórios, banheiros e o espaço destinado ao ginásio.

Toda essa estrutura me levou a pensar e questionar o porquê de tantas limitações, tantos bloqueios. Logo me deparei com a realidade de ser uma região perigosa, onde constantemente

os alunos eram vítimas de assaltos. Mas porque suas paredes tão lisas que mais pareciam as de um hospital?

Olhando todos aqueles espaços ociosos e todas aquelas paredes lisas e sem vida pensei que a escola, nem de longe, parecia um espaço atrativo, mas sim um espaço de limitação, sem cor e sem vida, porém, ocupado por gente cheia de personalidade e estilo, adolescentes e jovens que estavam descobrindo o quão diverso e bonito é o mundo.

Nós podemos e devemos nos expressar. Os espaços que ocupamos podem falar um pouco sobre quem somos ou sobre quem queremos ser. A escola não precisa ter um aspecto de hospital, ela pode, sem dúvida, ser como nossa casa, o lugar que melhor expressa quem somos e porque somos. E mesmo assim continuar sendo um lugar de educação e respeito. A sala colorida e enfeitada não precisa ficar apenas na pré-escola, as cores podem e devem nos acompanhar. Os espaços podem ser ocupados por plantas, jardins, hortas, projetos desenvolvidos entre alunos e professores. Dessa forma, defendo a lógica de que a escola pode falar sobre alegria, cor, liberdade, e em cada detalhe ensinar algo, seja sobre um conteúdo, seja sobre a vida.



O único motivo para eles irem à escola era os amigos.



# O universo na palma da mão

## Parte I

**Caio Souza**

Licenciando do curso de Química da UFRN.  
“Hoje meu desejo profissional é a sala de aula”.

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

# 10

**E**m meados de 2009 ingressei na UFRN ainda novo, com 17 anos, para dar início a minha vida universitária. Em um curso de Bacharelado, Química do Petróleo, mas eu mal sabia o que o futuro me reservava. Sempre acreditei que a minha aptidão era estar na indústria, envolvido em processos, máquinas e painéis de controle, mas as circunstâncias em meio a um período de crise me fizeram conhecer a docência. As primeiras experiências não foram tão satisfatórias e o curso não desenvolvia. No primeiro estágio não obrigatório um desejo tomou conta, a sala de aula. Como em um estalo de dedos ou como se eu já carregasse a vontade de ensinar, mas não a tivesse encontrado até aquele momento.

No primeiro contato com a Escola Dinarte Mariz, escola com sede no bairro de Mãe Luiza, mas alocada no Colégio Atheneu, pude enxergar uma realidade que eu não conhecia, a sala de aula de uma escola da rede pública em um bairro periférico. Ao me integrar às atividades da disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores II percebi as dificuldades que cercam o ensino e o andamento de uma escola, para alguns aquilo foi um choque de realidade que nos fez repensar nossos conceitos, nossa visão de mundo.

Passado esse primeiro contato e agora me integrando ao ambiente da sala de aula, nosso grupo passou a conhecer o público alvo, o 6º ano. Uma turma diversa, com idades entre 11 e 15 anos. O nosso projeto tinha o título “Universo na palma da mão” e foi pensado a partir do artigo “Uma experiência de ensino de astronomia no 6º ano”, da revista “Experiências em Ensino de Ciências”. Após semanas de planejamento de atividades, veio a nossa primeira interven-

ção e o primeiro grande desafio, “controlar” uma turma numerosa. Como prender a atenção de pelo menos 30 jovens? Como manter o nosso planejamento dentro programado? Ficava a dúvida e por vezes a angústia e sensação de “não vai dar”. A primeira atividade, construção de maquetes do nosso sistema solar, foi um divisor de águas e assim a sensação de insegurança e desmotivação inicial, já que eram quase 40 crianças, foi ficando de lado.

Muitas vezes atividades manuais que abordam um determinado conteúdo geram muito mais resultado. A aula foi livre, os alunos passaram a questionar, tínhamos retorno daquilo que nos propomos a fazer. Criamos um vínculo com os alunos ao ponto de eles perguntarem quando voltaríamos e qual seria a próxima atividade. No decorrer de nossas atividades, que foram 4 no total, os alunos estavam participativos, questionavam e naquele momento, eu e o grupo, percebemos que o contato que tivemos durante aquelas semanas nos fez ter uma outra percepção. Conseguimos enxergar nos alunos que o objetivo tinha sido atingido e o trabalho ainda gerou frutos. Na feira de ciências da escola alguns grupos apresentaram a maquete construída na primeira atividade para os demais alunos. Agora eles é que estavam lá na frente, apresentando algo e passando para os demais o que aprenderam em sala de aula conosco.



(Foto: Caio Souza/UFRN)

# Um jogo, um milhão de possibilidades

## ***Gabriela Neres de Oliveira e Silva***

Graduanda em Ciências Biológicas, amo o estudo da evolução, tenho interesse na história da vida e da humanidade. Amante da literatura e aspirante à professora, sonho com uma educação de qualidade que integre Ciência, arte e cultura.

## ***João Pedro Pereira Alves***

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

## ***Layla Sales Nogueira***

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

## ***Lucas Targino de Freitas Santos***

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

## ***Rafaela Alves de Lima***

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientador de Estágio:  
Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo  
(UFRN/DPEC)



“Vamos fazer um jogo, vai ser divertido”, eles disseram. É bem verdade que um jogo didático é divertido para quem o constrói e para quem o joga, mas sendo professores nem sempre essa construção é como esperada. Ora, pensamos que fazer um jogo didático é muito simples, basta ter criatividade e inserir uns elementos legais como a competitividade, além dos conceitos que seriam interessantes de aplicar. Entretanto, a vida de um professor nunca foi nem nunca será tão fácil assim.

Logo no começo da nossa segunda experiência de Estágio, precisamos construir um projeto didático e por razão de alguns membros do grupo terem afinidade com o espaço, escolhemos usar o Museu Câmara Cascudo como nosso ambiente. O espaço do museu seria interessante pois teríamos acesso às exposições e também ao Parque das Ciências para trabalhar melhor tanto conceitos teóricos, quanto práticos, sendo uma enorme oportunidade de mostrar a riqueza do museu local aos alunos do ensino básico e fugir um pouco da rotina de sala de aula.



(Foto: Os Camaradas/UFRN)

Depois de algumas ideias rejeitadas, decidimos junto com nossa supervisora explorar a parte de paleontologia do museu, tanto por ser um conteúdo pouco trabalhado no ensino básico,

quanto por ser uma das exposições menos trabalhadas no museu. O desafio veio de cara quando precisamos pensar numa maneira lúdica de trabalhar esses fósseis com os estudantes. Pensamos no tema “Paleontologia, de quem para quem?” como um retorno para a sociedade tanto dos investimentos da instituição quanto dos fósseis que são encontrados no nordeste brasileiro.

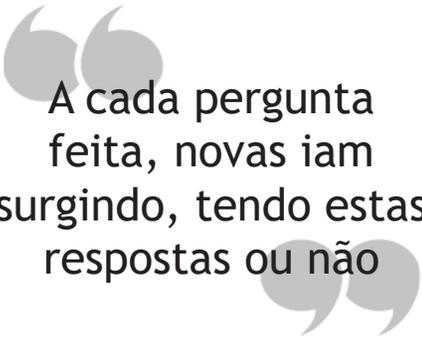
Durante nosso planejamento o professor da disciplina sugeriu a criação de um jogo para ser a nossa problematização inicial do projeto de estágio. Por que fomos cair nessa cilada?

Surgiu a ideia de criar um jogo de cartas sobre extinções com belas ilustrações que mostrassem a grande diversidade da vida nos períodos geológicos passados, algumas breves informações nas cartas e pronto. Seria perfeito! Nosso objetivo inicial era permitir que os alunos pudessem refletir sobre a dinâmica da natureza, percebendo que ela é mutável e ativa. A questão (ou a parte mais legal e mágica) talvez seja que a natureza é tão mutável que é impossível impor regras a ela e com isso montar o jogo ideal. O problema veio na hora de pensar como usar essas cartas para construir o jogo. Foram, sem exagero, quase 2 meses desde a confecção inicial das cartas até o dia que decidimos as regras finais. O jogo mudou, passou por uma versão com tabuleiro, uma versão sem, uma versão com pontos, uma versão com apenas argumentos de sim ou não, uma versão mais dinâmica que parecia um duelo de Yu-Gi-Oh, mas ao final decidimos voltar ao básico, com regras que iriam beneficiar a reflexão e com uma avaliação dos argumentos dos alunos, relacionando com o esperado pelos avaliadores.

Todas essas mudanças no jogo nos fize-

ram sentir na pele a grande complexidade de um planejamento didático com abordagem temática. No início parecia que seria fácil produzir um jogo, só precisaríamos de um bom material e de regras básicas de execução, mas não contávamos com nossa capacidade criativa fora do normal aliada à falta de objetividade didática do jogo. Ora ele se apresentava como um potencial gerador de reflexões, ora ele era um mero introdutor de atividades subsequentes. Mas não é só isso, essas mudanças também vieram de receios, surgiam perguntas em nossas reuniões: será que os alunos iriam gostar do jogo? Será que eles iriam ser participantes ativos e engajados? Será que não estamos cobrando demais deles? Será que era realmente viável fazer dessa forma? A cada pergunta feita, novas iam surgindo, tendo estas respostas ou não. Com isso íamos mudando o jogo de acordo com esses questionamentos.

Quando finalmente decidimos as regras finais do jogo e, aos trancos e barrancos, conseguimos uma turma para desenvolver a oficina, nos encontramos diante de um grande adversário: o tempo. Não conseguimos uma turma exclusivamente para nossa atividade, então “sequestramos” uma que estava visitando o parque do museu. No entanto, a turma tinha outras atividades a serem realizadas, nos deixando com apenas 40 minutos para realizar nossas atividades. Tudo precisou ser resumido. Não foi possível iniciar a intervenção da forma que tínha-



A cada pergunta feita, novas iam surgindo, tendo estas respostas ou não

mos planejado, não conseguimos usar as duas exposições (Paleontologia e Icnologia) e, o pior de tudo: não conseguimos sequer jogar o jogo. Todo o vai e vem do processo de desenvolvimento do jogo, todas as mudanças de regras, testes malsucedidos para no final nem conseguirmos colocá-lo em prática. Frustrante!

Assim, em busca de mais turmas acabamos nos deparando com a possibilidade de desenvolver a oficina somente em uma turma de Ensino Fundamental I. Oxe, tudo estava planejado para Fundamental II ou Ensino Médio e agora mais essa? Bem, não estávamos no luxo de escolher né? Logo, pensamos em como adaptaríamos o jogo, relativamente complexo, para uma turma de crianças. Pois é, além da flexibilidade no desenvolvimento do jogo ainda aparece a flexibilidade em sua realização. Bem, profissão de doido mesmo (até parece que não amamos isso tudo).

Ao final, essa experiência nos mostrou que o planejamento e a prática do ensino podem não ser ações correspondentes. Existem vários aspectos que influenciam a prática de um professor, sejam eles pessoais ou advindos do ambiente. Por mais que tivéssemos tudo planejado para a execução do projeto, ele não foi o que queríamos por motivos que não estavam sob nosso controle, realidade que pode acontecer na prática docente. Dessa forma, nos tornamos mais conscientes de que existem adversidades no caminho do professor. Além disso, compreendemos que a prática docente não precisa ser engessada e seguir um roteiro, mas ser adaptável para lidar com as diversas situações que surgem no processo de ensino e aprendizado. Tem que ser de tudo um pouco para resolver os apereios e ainda fingir costume.

# Mergulho no ambiente escolar

***Jefferson Machado***

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:  
Profª. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 12

**A**dentrar novamente o ambiente escolar após três anos, onde numa vivência de aluno tive muitas experiências boas e outras nem tanto, foi um desafio ao qual fui proposto e acredito tê-lo cumprido proveitosamente. Na licenciatura, por mais artigos e textos sobre a escola que posamos ler, de modo algum se comparam com a vida prática na escola. Poder mergulhar nesse mundo novamente foi mágico, principalmente porque agora eu não era mais aluno, mas um futuro professor, disposto a entender como uma instituição tão complexa tem o papel de formar a nossa sociedade.

Saber quem compõe e como se organiza a comunidade escolar, perceber como essa comunidade, bem como a estrutura dela podem interferir no processo ensino-aprendizagem, foram parte desse processo do estágio, mas para além disso o estágio possibilitou discutir o que se aprende, a imensidão de conteúdo que é oferecido aos alunos, é o mais significativo da escola? Qual seu real sentido? E nós, enquanto professores de ciências e biologia, o que podemos e devemos fazer para possibilitar o desenvolvimento de nossos alunos? As respostas para essas perguntas não são o ponto chave, mas as questões em si são mais importantes. Quando no início se falou que o Estágio Su-

“  
O que podemos e devemos fazer para possibilitar o desenvolvimento de nossos alunos?”  
”



Foto: Thought Catalog/Unsplash

pervisionado de Formação de Professores I seria “apenas” observação da escola pensei que seria uma atividade desnecessária, mas ficar dentro da estrutura, observar o vai e vem de alunos, como se relacionam com os outros e com os professores foi muito proveitoso. Perceber como muitos não gostam do fardamento pois tira sua identidade como pessoa e os encaixa apenas como mais um aluno. Perceber os grupos de alunos que formam as tribos dentro da sociedade, quais deles falam ou não com os funcionários, como ocorre essa relação entre diferentes classes sociais e diferentes visões de mundo.

Uma novidade foi lidar com a gestão da escola, tentar entender essa burocracia que é reger uma instituição pública autônoma, mas que depende do estado, ver como é complicado para os gestores ter que associar as partes administrativas e pedagógicas. Em algumas falas foi possível perceber o quão difícil é ter que trabalhar com a vontade de fazer algo inovador e diferente, mas estar preso aos recursos e nor-



Foto: Nathan Dumlao/Unsplash

mas da secretaria de educação.

Foi triste ver a falta de segurança para os alunos chegarem à escola. Fiz o mesmo trajeto que eles durante o período que passei indo à escola e senti a insegurança do bairro que, mesmo sendo na zona sul da cidade, não tinha o direito à segurança garantido. Podemos supor que isso se dá porque os estudantes que moram no bairro frequentam escolas particulares, sendo assim não há interesse por parte da comunidade onde a escola está inserida. A Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcante (Floca) atende a alunos de todas as zonas de Natal e até mesmo outras cidades como Parnamirim e Macaíba. Não busquei as razões para esse perfil da demanda, mas pelo que vi, dentro da rede pública é uma boa escola, levando em conta os relatos que ouvimos de falta de professores pode-se imaginar o que ocorre em outras instituições. A gestão da escola, já citada, buscou diversos projetos os quais tive o prazer de presenciar. O projeto de Judô que ocorre às quintas-feiras é um exemplo, mas existem outros como o Flocamor e o Pibid, projetos vinculados com a UFRN para aulas no museu de ciências morfológicas entres outros que são maravilhosos para o desenvolvimento dos estudantes.

O Floca, como toda escola, apresenta falhas, como a biblioteca muito rica, porém muitas vezes fechada. Uma escola grande com espaços e laboratórios que não são usados, poucos banheiros para a quantidade de alunos, mas apesar de tudo os alunos a amam. A escola tem uma arborização linda, foi maravilhoso estar dentro do Floca durante esse período de estágio e perceber as relações interpessoais que lá acontecem.

# Sabemos ser interdisciplinares?

*Rita de Cássia Dantas da Silva*  
Licencianda do curso de Química da UFRN.

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

13

**O** local escolhido para a realização do estágio foi o Parque da Ciência, um espaço arborizado de quase 7.000 m<sup>2</sup>, situado no Parque Educacional Professor Raimundo Teixeira da Rocha (também conhecido como Parque do Museu).

O que nos levou a optar por um espaço não formal de ensino foi, a princípio, o fato da instituição escolhida inicialmente não se enquadrar na proposta do Estágio II (voltado exclusivamente para o Ensino Fundamental II) e em segundo lugar o caráter desafiador do Parque. Nós sabíamos que em uma instituição de educação formal teríamos dificuldades por ter que pensar em projetos cujo foco seria a ciência, o que implica integrar os conteúdos de química, física e biologia de forma interdisciplinar. Por outro lado, em um espaço de educação não formal, além do desafio de trabalhar a interdisciplinaridade, era necessário elaborar propostas que abrangessem os mais diversos públicos, tendo em vista que, diferente da escola tradicional onde o conteúdo pode ser direcionado para uma turma específica, no Parque das Ciências aplicaríamos a intervenção para a turma que estivesse visitando.

Nas primeiras semanas encontramos dificuldades relacionadas ao conteúdo, primeiro

**Aos poucos  
abrimos nossa  
mente e  
consequimos  
estruturar uma  
proposta para  
nossa intervenção**

por nos encontrar em um espaço que permitia trabalhar uma série de assuntos, segundo porque ainda estávamos presos em temas voltados para a química.

Sem querer sair da nossa zona de conforto, tivemos a ideia de trabalhar conceitos relativos à chuva ácida, com foco nos processos químicos envolvidos nesse fenômeno e suas consequências para a natureza. Quando apresentado o tema, a professora orientadora Josivânia logo fez ressalvas, uma delas com relação a complexidade do conteúdo.

Levando em consideração o que havia sido ressaltado, buscamos pensar em algo mais simples. Aos poucos abrimos nossa mente e conseguimos estruturar uma proposta para nossa intervenção. Com o intuito de desenvolver um projeto em que o aluno tivesse um papel mais ativo, promovemos uma atividade intitulada Teia da Ciência, cuja função do estudante era recolher cartões informativos e assimilar o máximo de informação possível, com a finalidade de socializar o conhecimento adquirido ao término da prática.

Na atividade explanamos conteúdos ligados a sustentabilidade com ênfase na botânica, nos tipos de extinção, na reutilização de materiais e na interferência do homem no meio ambiente.

No dia 23 de outubro recebemos o Colégio Potencial (instituição de iniciativa privada). Desenvolvemos a atividade com vinte alunos do Ensino Fundamental II distribuídos em turmas de 6º, 7º e 8º ano. Durante a intervenção dividimos os alunos em quatro grupos de cinco pessoas para que nós, estagiários, conseguíssemos orientá-los melhor no decorrer da atividade. Eu, por exemplo, fiquei responsável por cinco alunos



(Foto: Reprodução/Facebook)

do sexto ano.

Ao comparar nossa abordagem inicial e o resultado final do projeto de intervenção entendemos a importância do planejamento na vida docente. Associada à orientação, a etapa de planejamento se fez essencial, pois foi justamente nela que conseguimos ver com clareza os objetivos e o percurso que seguiríamos para conseguir alcançá-los.

Durante nosso planejamento o que mais me preocupava era se o conhecimento adquirido durante a atividade seria assimilado de forma separada, isto é, se os alunos conseguiriam associar os diversos temas encontrados nos cartões ou se os fracionariam por parecerem distantes. Aplicando a intervenção notamos que os estudantes não faziam ligação entre os pontos e para contornar a situação começamos a fazer perguntas e observações que os ajudassem a ver os assuntos trabalhados de um modo

menos fragmentado.

As experiências no estágio me auxiliaram a ver o quão relevante é o diálogo entre as disciplinas. Talvez ainda não saibamos, de fato, como ser interdisciplinares, mas é válido sair da zona de conforto e buscar a comunicação entre as diferentes áreas.

“ Talvez ainda não saibamos, de fato, como ser interdisciplinares ”

# Ponto de partida

*Lariça Alves de Souza*

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 14

**M**inha primeira experiência no estágio me deixou um tanto nervosa, pois eu tinha medo de não ter tempo para conseguir realizá-lo, visto que tinha acabado de conseguir uma bolsa em um projeto de extensão, e na verdade, esse era todo o meu objetivo de estar na graduação. Logo nos primeiros períodos eu me vi muito aflita por não participar de nenhum projeto de pesquisa, cheguei a acreditar que minha carreira acadêmica não seria de fato satisfatória para mim, entretanto, todas essas coisas chegaram em um mesmo momento meio que de paraquedas. Acredito realmente que o ano de 2019 foi uma verdadeira metamorfose na minha vida, tive que lidar com muitas responsabilidades e medos, assim como foi o estágio, mais um frio na barriga para resolver.

Quando finalmente chegou o momento de escolhermos a escola em que íamos estagiar, fiquei inquieta. Eu precisava de um lugar perto o suficiente da UFRN para poder dar conta dos projetos em que eu estava engajada, afinal trabalhar em dois laboratórios significa pensar a todo momento como encaixar os meus horários, entretanto, não só eu como vários dos meus companheiros de caminhada possuíam uma história parecida com a minha, foi aí que decidimos estagiar na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcante, mais conhecida como Floca.

Como havia mencionado anteriormente, muitos dos meus colegas possuíam situações parecidas com a minha, então as vagas no FLOCA acabaram. Esse foi o início da segunda parte da minha luta: conseguir resolver o meu problema de horários e fazer o estágio. Então, eu e meus amigos fomos tentar resolver essa si-

tuação e conversar com a professora Rute para vermos o que poderia ser feito, foi aí que ela conseguiu conversar com a vice-diretora da escola para nos acolher como supervisora.

Depois dessa luta e aflição, com a ajuda da nossa professora, conseguimos estagiar nesta escola, mas o medo não parava por aí, porque sair da sua área de conforto sempre é desafiador. No primeiro dia do estágio, tivemos que observar a estrutura física da escola, confesso que não esperava nada demais, porém quando eu vi toda a estrutura que o FLOCA oferecia eu fiquei realmente encantada, e desapontada também, pois a escola possuía laboratórios e sala de dança que não estavam sendo usados, locais que poderiam estar funcionando dependendo da organização da aula e de um professor. Outra situação que incomodava bastante era a localização da escola, que fica no bairro de Mirassol, zona sul de Natal. Este bairro se apresentava um tanto violento e era um medo constante descer na parada do ônibus e caminhar até a escola; parecia uma maratona comigo mesma, e a linha de chegada era o lugar mais seguro do mundo, a escola.

**Acredito realmente que o ano de 2019 foi uma verdadeira metamorfose na minha vida, tive que lidar com muitas responsabilidades e medos, assim como foi o estágio, mais um frio na barriga para resolver.**

Apesar desses empecilhos aprendi muito durante o estágio. Nossa supervisora estava sempre disponível para nos auxiliar. Era notório o quão ela era ocupada, mas ainda assim, parava um pouco sua rotina para nos atender e ajudar na nossa construção como futuros professores. Pessoas como ela me fazem acreditar que a escola pública não está fadada ao fracasso, pois quem faz a instituição são os professores e a gestão, apesar das dificuldades financeiras encontradas no caminho.

Apesar dos medos e desafios, foi muito gratificante ter passado este tempo por lá. Fizemos amizades com outros alunos também

estagiários, e compartilhamos momentos e vivências que hoje fazem parte da mudança e do crescimento da minha pessoa. Desde o porteiro sempre me perguntando o porque eu não estava de farda, pois me confundia com alunos da escola, até compartilhar do cansaço com meus amigos quando contávamos quantas semanas faltavam para acabar e ficarmos de férias. Lembrei do estágio, não somente como uma obrigação da graduação, mas também como um momento de conhecimento e aprofundamento do real ambiente que irei enfrentar quando me tornar de fato uma educadora.



(Foto: Artemisa de Andrade)

# Descompreensão e Conviver

***Sandrielen Dias***

Tem 21 anos, mora na cidade de Parnamirim - RN. Estudante do curso de Ciências Biológicas licenciatura da UFRN. Apaixonada pelas ciências e pela arte. Adora se aventurar em experiências diferentes.

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 15



(Foto: Reprodução/Google)

**A** primeira impressão que tive da Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcante (Floca) foi bem atrativa. Em frente à escola tinha uma enorme praça com bancos e muito espaço verde e logo que adentramos tivemos a imagem de um ambiente escolar regular e característico. Em nossas primeiras conversas com os alunos perguntamos o que eles mais gostavam na escola e o que eles achavam que poderia melhorar, de cara nos disseram que queriam ter mais espaços de convivência, ter onde sentar e conversar com os amigos, pra aliviar a tensão que é estar em sala de aula, essa era uma de suas queixas. E realmente a escola não tinha espaços de convivência para os alunos, salvo as mesas dos refeitórios as quais são muito usadas por eles. Muitas das vezes em que chegávamos à escola para fazer nossas atividades cotidianas e falávamos “vamos sentar lá em baixo, no refeitório”, eu já pensava “Ah, pronto, vamos roubar

Isso era inquietante para mim, pois acho muito importante para o desenvolvimento cognitivo, ter espaços de convivência

o único lugar que os meninos tem pra sentar”. Isso era inquietante para mim, pois acho muito importante para o desenvolvimento cognitivo, ter espaços de convivência, assim como também é importante para desenvolver as habilidades sociais, etc.

Apesar disso, o Floca tinha muito espaço verde, o que nos fez ter aquela sensação de leveza. Dava pra observar que as pessoas que estavam alí prezavam pelo bem-estar que as plantas trazem, eu me senti muito confortável, pois era um ponto positivo, com relação à um

bom ambiente de estudo. Outro aspecto que me foi possível observar foi que a biblioteca estava quase sempre fechada, o que me deixou curiosa sobre o motivo.

Acredito que os espaços de convivência deveriam ser mais valorizados pois os alunos são muito comunicativos, têm muita

atitude e gostam de estar o tempo todo interagindo.

# O universo na palma da mão

## Parte II

***Igor Bezerra Pereira Pinto***

Licenciando do curso de Química da UFRN.

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Josivânia Marisa Dantas (UFRN/DPEC)

# 16

**G**ostaria de começar o meu relato de Estágio II falando sobre a escolha da escola e da turma. Inicialmente iríamos trabalhar no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Riograndense, no entanto, por não ter ensino fundamental não foi possível. Tivemos conhecimento de que nesta escola também estava funcionando outra instituição, a Escola Estadual Senador Dinarte Mariz. A escola recebe alunos do bairro Mãe Luíza, onde a realidade dos moradores é bem diferente da nossa.. Recebemos a proposta de trabalhar com uma turma do 6º ano da Escola Dinarte Mariz, com alunos muito jovens. Para alguns dos estagiários era o primeiro contato com uma sala de aula e por isso ficamos com receio de não dar conta.

Conversando com nosso supervisor, decidimos trabalhar um assunto já visto pelos alunos naquele ano, Sistema Solar. Decidimos então fazer quatro atividades diferentes para no final delas atingir diferentes competências. Ao fazer algumas pequenas intervenções não fomos muito “aceitos” pelos alunos. Eles não queriam escutar nem nossa proposta, apesar de o professor estar em sala, não havia muito

respeito por parte dos alunos para conosco.

A nossa primeira intervenção se tratou de uma maquete sobre o sistema solar feita com isopor a fim de reproduzir o sistema solar, o sol e os 8 planetas. A proposta tinha como objetivo as compreensões básicas sobre o sistema solar, como: a ordem dos planetas, sua composição, sua ordem em relação a distância do sol e seu nome. No dia da atividade, demos as informações gerais para todos os alunos, e para um maior controle de sala e também para ter uma maior aproximação com eles nos dividimos para cada um ficar responsável por um grupo.

A participação dos alunos foi a melhor resposta esperada, pois em sua maioria ficaram animados e bem focados na atividade. Em meu grupo observei uma boa participação; eles mesmos dividiram as tarefas e mostraram uma boa sintonia ao irem realizando seus afazeres, porém não demonstraram muito interesse no conteúdo. Minhas tentativas de ao longo da atividade ir mostrando algumas informações como: a relação do dia e da noite com a terra e o sol, o que era um dia, ou um ano, entre outras não foram bem-sucedidas. O foco deles estava total-



(Foto: Reprodução/Facebook)

Muitos conseguiram responder e explicar como os fenômenos aconteciam usando suas próprias palavras

mente em concluir a maquete e entregar, apenas como uma atividade estritamente manual, foi nossa primeira surpresa.

A segunda atividade realizada tinha como objetivo intensificar o que foi aprendido na anterior e aprimorar alguns conceitos como dia e noite, ano e dia e mostrar como funciona o eclipse. Por meio de um globo terrestre, uma lanterna para representar o sol, e um uma bola de isopor para representar a lua. A participação dos alunos foi muito boa, com voluntários para representarem o sol, a lua e a terra em um sistema dinâmico dos eclipses solar e lunar. Após as demonstrações e algumas perguntas pontuais foi possível avaliar melhor a compreensão que os alunos estavam tendo sobre as atividades realizadas. Muitos conseguiram responder e explicar como os fenômenos aconteciam usando suas próprias palavras. Percebemos que a participação e a maneira como eles nos viam mudou muito de uma atividade para outra.

A terceira atividade realizada no dia foi a mais tranquila pois se tratava de um vídeo apresentado por Will Smith, mostrando como fenômenos que ocorrem na terra e no espaço estão interligados. O conteúdo tinha uma linguagem mais elaborada do que a que normalmente estávamos usando, apesar de ainda ser uma linguagem simples. Isso fez com que os alunos

prestassem mais atenção do que o de costume, porém também foram observados casos pontuais de alunos que não estavam assistindo o vídeo e tentavam distrair os demais. Ao final tivemos um resultado satisfatório, além dos alunos terem dito que gostaram do vídeo, ao fazer algumas perguntas eles conseguiram responder. Às vezes quando se tratava de uma informação mais complicada eles tinham dificuldades para entender, mas sempre conseguiam atender aos pedidos das perguntas mais gerais sobre o que se tratava o vídeo. Ainda sim percebemos que comparados com as outras duas atividades foi a que os alunos demonstraram menos interesse por ser uma atividade onde eles tinham que prestar atenção sem interagir diretamente com o vídeo.

A quarta e última atividade foi um jogo de tabuleiro onde foram colocadas marcas no chão para simbolizar o tabuleiro e os próprios alunos eram as peças. Eles foram divididos em grupos e cada grupo respondia uma pergunta, caso acertassem, jogavam um dado grande e avançavam no tabuleiro. O jogo tinha como avançar mais rapidamente, voltar casas ou ficar sem jogar, com base na aleatoriedade do dado, deixando o jogo mais dinâmico e divertido para os alunos. De todas as atividades sem dúvida nenhuma foi a que eles mais gostaram.

Ao final da atividade a turma ficou desapontada em saber que não voltaríamos mais na escola para fazer atividades. Disseram que desde o começo do ano eles não faziam nada de diferente na escola, com isso percebi que parte do mal comportamento apresentado pelos alunos poderia ser decorrente da falta de atividades diferentes.

# Expectativas para o Estágio I

*Julia Fonseca*

Licencianda do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 17

Quando se entra em uma graduação de licenciatura, parece que toda sua experiência em escolas, mesmo como aluno, é apagada da memória. As disciplinas que nos preparam para a docência tratam o ambiente escolar de uma forma tão linda e romântica, mas não as culpo, é realmente uma profissão linda. Talvez toda essa forma de preparação tenha criado muitas expectativas para o primeiro contato escolar fora da visão de aluna. A ansiedade para começar era tão notória que nem me importei em acordar mais cedo que todo mundo e cruzar a cidade mais um dia na semana.



(Foto: NeONBRAND/Unsplash)

Na 2ª semana de estágio foi proposto que conversássemos com as pessoas que compunham a comunidade escolar e qual seria a relação delas com a escola. Quando perguntado aos alunos, as respostas eram sempre vazias ou negativas. Para eles, tanto fazia estar naquele ambiente, a escola era tida como obrigação apenas. O único motivo para eles irem à escola era os amigos. Esse problema poderia muito bem ser levado à gestão e aos professores,



O único motivo para eles irem à escola era os amigos.



mas ao longo das semanas, conhecendo melhor a escola, os professores, as aulas, todos os projetos que eram oferecidos aos alunos, foi ficando cada vez mais claro que eles próprios também tinham uma parcela de culpa nisso, o desinteresse.

Constatar isso foi decepcionante, não só pela quebra das expectativas criadas no início, mas por perceber que tudo o que poderia ser tentado para mudar essa realidade seria deixado de lado pelos próprios alunos. Me fez pensar se essa falta de estímulo estaria em todos os lugares e como seria difícil colocar em prática tudo o que defendo para ser uma boa educadora. O ápice da situação foi quando o desestímulo começou a me afetar também. “O problema é essa escola”, eu dizia, mas a sensação de estar desistindo deles foi pior para mim. Eu estou apenas no início e já contrariei o que me proponho a fazer na primeira experiência e isso me fez refletir.

A realidade que eu vivi nessas 10 semanas de estágio é só uma parcela do que vou ver durante muitos anos. Situações mais difíceis, alunos mais difíceis, colegas de trabalho mais difíceis. O que vai me diferenciar é como escolherei lidar com isso. Desistir não é uma opção, que venha o estágio 2.

# O Floca e seus mundos - Diversidade

***Leticia Gurgel***

Aluna de licenciatura em Ciências Biológicas, fazendo Iniciação Científica no Laboratório de Herpetologia, estudando a herpetofauna da UFRN. Encantada pelo universo das salas de aula e da conservação ambiental. Com o coração dividido entre a ciência e a educação, sonhando em juntar as duas e ser feliz para sempre.

Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 18

Essa tal “diversidade” pode ser vista em várias esferas e foi identificada em praticamente todas as nossas visitas. Diversidade de estilos, quando os alunos driblavam a obrigação dos uniformes e os personalizavam com adereços, para imprimir neles suas personalidades. Diversidade musical, que ficava evidente nas caixinhas de som tocadas nas horas vagas e no show de talentos que presenciamos. Diversidade religiosa, com alunos das mais diversas crenças e religiões, católicos, evangélicos e judeus por exemplo. Diversidade de gênero, com quantidades muito semelhantes de homens e mulheres desempenhando os mais diversos papéis na instituição e estas, possuindo suas pautas respeitadas, sejam elas alunas, professoras ou funcionárias.

Adentrar o Floca, como é carinhosamente chamada a Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, e permanecer por seis meses lhe fazendo visitas semanais é como descobrir um novo mundo a cada nova semana. Durante a 5ª etapa de observação, o nosso papel



(Foto: Tumisu/PixaBay)

É impossível voltar ao ambiente escolar e não se fazer alguns questionamentos que à “nossa época” não pareciam relevantes

era abordar as percepções dos alunos sobre a diversidade e as questões de gênero dentro da escola, mas a grande verdade é que estivemos atentos a essa questão durante todo o estágio. É impossível voltar ao ambiente escolar e não se fazer alguns questionamentos que à “nossa época” não pareciam relevantes, enquanto alunos. Assim, como já esperávamos, compreender a diversidade de mundos do FLOCA foi mais fácil de se fazer com observações do que com perguntas diretas, pois quando se trata de adolescentes, pode ser difícil falar sobre suas vivências e questionamentos com alguém, sobretudo quando esse “alguém” tem rosto desconhecido e lhe faz perguntas íntimas, sobre ter conhecimento de episódios de preconceito ou se frequentam a escola pessoas de características consideradas diferentes das que estão habituados.

Conversas, pontos de vista, perguntas, seis meses de interação e observação com aqueles que são o “centro” da profissão que escolhemos. Aqueles para os quais devemos estar atentos e perceptivos, mesmo que esta não seja uma tarefa fácil. A escola é um universo que nos dá a chance de conhecer os mais variados mundos ao abrir a porta de uma sala de aula.

# Escola pública no Brasil, o que nos vem à mente?

**Luiz Roberto**

Licenciando do curso de Ciências Biológicas da UFRN

Orientadora de Estágio:

Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 19

**É** notório o descaso das autoridades públicas brasileiras frente ao sistema de ensino público do Brasil, já que não é raro vermos escolas e universidades públicas sucateadas além da constante desvalorização dos professores que atuam nas mesmas. Tal problemática resulta na manutenção do analfabetismo funcional no Brasil e na gritante desigualdade social do país. Contudo, a Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcante localizada em Natal, Rio Grande do Norte mesmo com problemas financeiros passa a imagem de um ambiente harmônico, de dedicação e aprendizagem. Em nosso estágio fomos timidamente adentrando o espaço escolar, observando o ambiente, funcionários e alunos.

O pátio de convivência se mostrou pequeno em relação ao terreno em que a escola estava inserida, as paredes apresentaram-se em cores tristes e com a presença apenas de algumas caricaturas feitas por um estudante mostrando o seu trabalho, que é de extrema importância. Imagens, assim como textos, canções e muitas outras manifestações culturais, que pela qualidade estética possibilitam às pessoas estabelecer múltiplas e diferentes relações e tais manifestações no ambiente escolar reforçam a identidade dos alunos quanto estudantes. Presenciamos o show de talentos do colégio,



(Foto: Luiz Roberto/UFRN)

com direito a músicas e poesias escritas pelos próprios alunos. Tiveram premiações, estímulo, e companheirismo com a timidez e dificuldade dos colegas durante as apresentações.

Existe uma pluralidade de alunos, sonhos e visões de mundo. Chamou-me a atenção conversando com um aluno do 9º ano que “não gostava de nenhuma disciplina”, mas que eu poderia lhe fazer qualquer pergunta sobre mecânica de carros que ele saberia responder, pois estudava e praticava com seu tio que possuía uma oficina. Este relato se destacou porque muitos professores não se interessam pela realidade do estudante, apenas em passar o conteúdo de forma extremamente tradicional. Um aluno que ama a mecânica de carros merecia ter um professor que fizesse as aulas de física em um laboratório e experimentos em mecânica com roldanas, que podem ser feitas na escola ou em casa, simulando motores automotivos. Acredito que nós como estagiários devemos tentar reverter esse quadro e aplicar na vida dos estudantes os conteúdos de acordo com a realidade em que estão inseridos.

“  
Existe uma  
pluralidade de  
alunos, sonhos e  
visões de mundo  
”

# *Quintal da* Universidade?

## ***Mizziara de Paiva***

Tecnóloga em Gestão Ambiental pelo IFRN, onde atuou na área de educação ambiental, saneamento e também participou do Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade e Complexidade. É graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRN) e professora de Ciências e Biologia. Atualmente faz mestrado em Neurociências e trabalha desenvolvendo pesquisas no laboratório de Memória, Sono e Sonhos do Instituto do Cérebro (PGNeuro/ICe). Mizziara também é dançarina nas horas vagas.

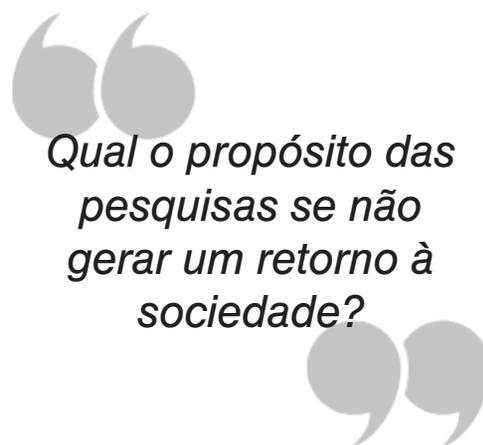
Orientadora de Estágio:  
Profa. Dra. Rute Alves de Sousa (UFRN/DPEC)

# 20

**T**ive a oportunidade de conhecer melhor a Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti (Floca) durante o período de estágio e pude observar o grande potencial que esta escola possui em comparação às demais conhecidas durante o semestre, devido a uma característica meramente geográfica: a localização. Inicialmente o que parecia ser uma preferência dos alunos, por ser localizada vizinha ao campus e facilitar a logística de deslocamento entre uma aula e outra, em conversa com membros da coordenação, logo se mostrou ser um padrão entre estagiários e professores de diversos cursos da Universidade, que optam por realizar aulas e projetos no Floca.

Ao longo do período do estágio foi perceptível a grande quantidade de estagiários circulando nos corredores, assim como o número de projetos vinculados a Universidade. Desde atividades relacionadas a área de exatas, como por exemplo “Mulheres na engenharia” (MEG), “Otimáticas” (meninas que atuam como monitoras da disciplina de matemática), robótica (evento que a escola participou em parceria com alunos de TI), entre outros na área de humanas, como os encontros realizados pelo PIBID de filosofia, ou até mesmo o projeto Gibiteca Itinerante (ligado a Biblioteca Zila Mamede), me levaram a pensar: onde estão os produtos destes projetos? A quantidade de projetos realizados não deveria apresentar um retorno à comunidade escolar? Qual a finalidade destes projetos e qual o legado deixado por eles?

Em conversa com os alunos e alguns membros da coordenação, ficou claro que muitos não tinham conhecimento da existência de alguns deles, em qual etapa estavam ou não



souberam explicar exatamente do que se tratava. A escola, por outro lado, tem boa intenção ao abraçar essas iniciativas e acolher a grande quantidade de estagiários que procuram a coordenação, com a finalidade de melhorar o processo de aprendizagem dos alunos.

Neste contexto, fica o desafio e a reflexão acerca das atividades acadêmicas: *qual o propósito das pesquisas se não gerar um retorno à sociedade?* Sendo assim, através do que foi observado e do que será realizado ao longo deste semestre e dos demais, devemos, enquanto membros da comunidade científica, cidadãos e futuros educadores, buscar meios de contribuir o mais ativamente possível, sempre com o objetivo de gerar impacto real na vida destes estudantes, proporcionando a transformação que somente a educação pode gerar, seja em sala de aula ou fora dela.

***Vamos pegar nossos livros e canetas. Eles são nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo. A educação é a única solução.***

***- Malala Yousafzai***

